

UM SÉCULO DA PINTURA BRASILEIRA



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES

NOTA EXPLICATIVA

Sob a direção do Diretor do Museu Nacional de Belas Artes, Professor Oswaldo Teixeira, foi a presente exposição, «Um Século da Pintura Brasileira — 1850-1950» organizada com o concurso dos conservadores Regina Monteiro Real e Lígia Martins Costa, técnicos do referido Museu. Na elaboração das biografias muito concorreu o conservador Regina Liberalli Laemmert, tendo a revisão geral do catálogo sido feita pelo Professor Oswaldo Teixeira. A limpeza dos quadros ficou a cargo dos restauradores Agenor César de Barros e Walter Feder.

As iniciais que assinam as biografias comentadas correspondem a

Regina Monteiro Real	— R. M. R.
Lígia Martins Costa	— L. M. C.
Regina Liberalli Laemmert	— R. L. L.

São todos os quadros do patrimônio do Museu Nacional de Belas Artes. O catálogo foi elaborado com o sentido atual de uma análise do panorama artístico do período que se estuda, seguido de uma apreciação da obra de cada artista em particular, junto à sua biografia. Bem que se tenha obedecido a uma ordem cronológica na apresentação dos artistas, a dos quadros não obedece o mesmo critério: o primeiro apresentado é sempre o da reprodução. A seleção dos quadros figurantes no certame sujeitou-se a fatores vários, inclusive o da possibilidade do transporte aéreo.

PROJETO PORTINARI

Reg. 1216

Data 23/04/92

INTRODUÇÃO

Tendo a Diretoria do "Museu Nacional de Belas Artes" sugerido ao Exm.^o Sr. Dr. Simões Filho, M. D. Ministro da Educação e Saúde a realização de uma grande exposição de pintura brasileira a realizar-se em vários Estados do Brasil, contou desde logo com o entusiasmo de S. Exc.^a que tudo fêz para esta realização. A exposição de telas que conta com algumas obras primas da arte brasileira é inteiramente obra sua e se não fôsse a boa vontade, a energia e o dinamismo do Senhor Ministro, nada se teria feito, porque de uma simples idéia, S. Exc.^a transformou-a numa grande realidade. O Brasil precisa de Ministros da sua envergadura moral e intelectual, para produzir melhor e com mais acêrto e "Um Século da Pintura Brasileira", exposição de arte, que estou certo a todos interessará é trabalho de sua firme vontade de bem servir ao Brasil. A arte brasileira precisa de voltar a nutrir-se em suas raízes antigas, para dar melhores frutos e fecundar-se na terra pátria onde há sempre o que aproveitar. A árvore que tanto frondejou ainda não envelheceu e pode, ainda, agigantar-se apesar de, por vêzes, lutar com ventos adversos.

A arte immortaliza a idade das nações e a seiva da terra generosa fecunda e faz crescer a planta humana e se transfigura em beleza e a arte da nação é a magnífica floração da Pátria.

"Um Século da Pintura Brasileira" é a afirmação viva de que a lição do passado é sempre útil e trará novos ensinamentos à juventude brasileira, porque o que os velhos mestres nos legaram foi, de fato, muito expressivo

e bom e a técnica aliada ao sentimento só realizará uma produção artística da maior valia e segurança, porque resistirá à crítica justa e sincera, vencendo o tempo. As telas de Pedro Américo, Victor Meirelles, Rodolpho Amoêdo, Henrique Bernardelli, Elyseu Visconti e de tantos outros mais, destacando-se, também, as de Almeida Júnior, que foi, sem dúvida, um dos que mais compreendeu a terra e o homem do Brasil, pode, por certo, servir de modelo para uma futura arte robusta e equilibrada, sem influências externas e reveladora de uma forte inspiração nacional, onde os tipos e costumes, a flora e a fauna do Brasil serão plenamente representados de forma admirável e absoluta. Estou certo que o conhecimento, a justa e devida análise do que está exposto na presente mostra de arte fará com que os moços que se dedicam à pintura tomem como exemplo este ou aquêle mestre para a continuação de seus estudos e o aproveitamento será, por certo, o melhor e assim teremos atingido à finalidade do Ministério da Educação e Saúde que é o de divulgar e enobrecer mais ainda a arte brasileira, porque a arte é uma mensagem da vida e do espírito humano, por isso fraterniza os homens e explica o gênio de um povo e de uma época.

Tôda beleza é uma harmonia e um ritmo e corresponde à inteligência e a alma de uma raça. A arte de Phídias é ao mesmo tempo a expressão e apoteose da Grécia inteira. O artista é um visionário e a arte um êxtase, por isso ele cria para todos uma atmosfera de aticismo, elegância e graça, para a glorificação da Pátria e de todos.

Felicito, pois, o Senhor Ministro pelo apôio e contribuição que deu a iniciativa do Museu Nacional de Belas Artes e um "Século da Pintura Brasileira" servirá, por certo, como estímulo ao estudo da nossa história da arte e a melhor orientação artística de nossa juventude.

OSWALDO TEIXEIRA

Diretor do Museu Nacional de Belas Artes

PANORAMA DE UM SÉCULO DE PINTURA BRASILEIRA

(1850-1950)

1850-1950, talvez o século mais complexo de toda história da humanidade. Pela primeira vez o mundo participa de uma apresentação em conjunto, como uma sinfonia rica e variada. A Europa é a nota dominante e a Ásia, a África e a América, contribuindo com seus elementos próprios, são os instrumentos complementares na orquestração admirável da linguagem de uma civilização em marcha. Século complexo este, em que não só artisticamente, mas política, científica e mesmo moralmente o mundo é um cadinho de experimentações.

Após o néo-classicismo no dealbar do século XIX e o romantismo que se desenvolve no segundo quartel do século, 1850 marca a introdução do naturalismo. É quando se inicia o período de que tratamos. E é quando a arte européia vai deixar de se circunscrever em seus limites para receber as contribuições estrangeiras: a japonesa agindo sobre o impressionismo, a negra sobre o cubismo e mesmo o abstracionismo, a indígena-americana sobre os muralistas modernos.

O século XIX se define no Brasil com a introdução da corte portuguesa em terras americanas. É a fuga do Príncipe Regente D. João diante da ofensiva napoleônica, e a invasão pacífica do Rio de Janeiro por alguns milhares de nobres em busca do sossego que só o Novo Mundo podia oferecer.

A nova sociedade correspondem novos costumes e novas exigências. O acanhado meio artístico do Rio não satisfaz ao ambiente recém-formado.

Bafejada pelos acontecimentos políticos em Paris e impulsionada pela acolhida do governo de D. João VI que vê aí uma possibilidade para preencher a lacuna existente, dá-se em 1816 a vinda ao Brasil de uma Missão Artística Francesa. Porém muitos anos são escoados antes que o ensino das belas-artes seja oficial e definitivamente estabelecido. Retorna a côrte portuguesa à Lisboa, e só em pleno regime de D. Pedro I é finalmente inaugurada a Imperial Academia de Belas Artes, que teria seu nome ilustrado por várias gerações de artistas até o advento da República.

É uma nova era para a pintura brasileira. A influência ibérica que dominara o nosso patrimônio artístico colonial, enriquecendo nossas igrejas com decorações que hoje são apreciadas em seu devido valor, quase súbitamente desaparece para dar lugar ao influxo francês. O Rio, que até então fôra simplesmente um dos centros de arte do País, principia a absorver as manifestações artísticas das províncias — aí está a Côrte, aí está a Imperial Academia.

Com os professores franceses, tôda a orientação da Academia é francesa. Em substituição à Itália que, ainda por tradição do «Prix de Rome», fôra a princípio o centro de especialização de nossos jovens pintores, Paris vai-se tornando cada vez mais a Meca dos artistas nacionais. Principalmente depois da reforma de Pôrto Alegre de 1855 que fixava a permanência mais longa de três anos na França e a visita aos grandes centros de arte na Europa, sobretudo a Itália, nos dois anos restantes.

É então que se inicia a época que localizaremos em nosso resumo sôbre o século 1850-1950 na pintura brasileira. Se não abrange todo o desenvolvimento do ensino sistematizado das belas-artes entre nós, é inegável que abarca sua evolução quase completa, uma vez que só a etapa de formação é excluída.

Está o Império em seu apogeu. D. Pedro II, passados uns tantos anos de adaptação, com sua maturidade precoce já se firmara no governo do País. E espírito culto como poucos, e de um

nacionalismo extremo, prestigia por todos os meios a ciência e a arte que se iniciam aqui.

Estamos diante da segunda geração de artistas formados na novel Academia. Da primeira, vários já participam de seu corpo docente, destacando-se Manuel Araújo de Pôrto-Alegre, seu diretor de 1852-57. Agostinho da Mota e Victor Meirelles estudam na Europa, como pensionistas do Estado. Dedicam-se sèriamente, cõscios da responsabilidade que lhes caberá no preparo de novas gerações, de volta à Pátria.

Victor chega e se impõe. Trás uma bagagem artística respeitável, e seu zêlo e talento são o incentivo dos jovens. Pedro Américo, por proteção de D. Pedro II partira havia pouco e Zeferino da Costa seria o maior nome a acompanhá-lo brevemente.

Êsses três nomes formam o esteio da pintura brasileira do século XIX. Com pequenas variedades de estilo próprio, fundamentam-se os nossos artistas na precisão do desenho, sobriedade do colorido e cuidado na fatura. Não poderíamos classificá-los a rigor na tendência néo-clássica no sentido figurativo europeu — seria mais lógico qualificá-los da cláássico-românticos pelo estilo híbrido que apresentam. Se há desvêlo no desenho, não há entretanto a moderação de atitudes que o néo-classicismo determinava: neste ponto mais se aproximam dos românticos, como consequência dos temas escolhidos. Quanto à cõr e à fatura, medeiam entre a emoção fria dos primeiros e a paixão dos segundos. Não admira: formados nos ateliers europeus de representação já estabelecida, onde só era ensinado aquilo que o tempo consagrava, não entravam os nossos jovens em contacto com a arte mais avançada de seu tempo.

Almeida Júnior, estagiando na Europa às expensas do Imperador, é o primeiro a sentir o realismo francês do meado do século, e isso depois de 1875, quando os impressionistas já se reuniam em exposições. Temos agora um sentido mais plástico da pintura: maior vigor no tratamento das figuras, maior procura da máscara humana, maior ousadia na resolução do problema luminoso. Em

«Fuga para o Egito» Almeida Júnior anuncia o impressionismo que a geração seguinte estudará.

Weingartner, Estevão Silva e Bernardelli, dentro de suas personalidades, seguem êsse meio naturalista que lhes fôra aberto. Amoêdo, todavia, bem que de um realismo magnífico no «Último Tamoio» e algumas outras telas, opõe alguma resistência a uma representação que não raro contrariava seu gosto requintado pelo «belo».

Está o ambiente artístico brasileiro em plena febre de desenvolvimento. As exposições gerais de 1872, 79 e 84, prestigiadas por D. Pedro II, provam um êxito completo. A Victor Meirelles e Pedro Américo o Governo encomendara quadros de batalhas — a recente campanha militar, por que acabara de passar o País incitava o Império à celebração dos maiores feitos das armas brasileiras. Agora em exposição, êsses quadros de proporções fora do comum acabavam de despertar o interêsse do grande público. Popularizava-se, assim, uma arte que até essa data só contava com a atenção de uma elite.

Bernardelli se consagra, em 1886, ao expôr no Rio de Janeiro todo o trabalho executado durante sua longa estada na Itália. Ao sentido plástico, junta êle uma fatura e colorido ousados para seu meio: tonalidades claras e ricas, com vibrações sutilíssimas como as que podem ser apreciadas em «Messalina». Ainda não é o impressionismo apreendido em sua técnica, mas já o é no sentido da côr.

Entrementes, animados pela visão mais moderna de Jorge Grimm, pintor alemão que por dois anos lecionara paisagem na Imperial Academia, Parreiras e Castagneto se devotaram à procura do ar-livre. É o primeiro passo para a compreensão da pesquisa impressionista. Começando ambos pelo naturalismo sadio que o mestre recomendava, representar a natureza sentindo-a em tôrno de si, mostram-se a princípio de um colorido ainda sóbrio, quente. Mas, uma vez na Europa, ambos compreendem a riqueza pictórica que o impressionismo já vitorioso oferecia. Voltando da França

em 1891, Castagneto já traz uma paleta nova — os tons ocas serão definitivamente banidos, e uma escala cromática clara, onde dominam os azuis e os cinzas, determinam daí por diante a sua produção.

Entretanto passava o País por mudança radical em sua forma de Governo. Desmoronava-se o Império e a República se implantava. Reforma na Academia e reforma no sistema de premiações oficiais. À Imperial Academia sucede, por rebatismo, a Escola Nacional de Belas Artes, com a aposentadoria de velhos mestres e entrada de valores novos.

Surge o Salão Nacional de Belas Artes em 1894, animado de um sentido mais democrático de premiações, e também do direito de concessão de prêmios de viagem à Europa: uma permanência de dois anos, porém. O primeiro a conquistá-lo é Batista da Costa. Mas seu temperamento tímido e sentimental não facilitava a aceitação da revolução espiritual que se processava na Europa em fins do século, sobretudo em se tratando de estada tão curta, como a sua; todavia suas paisagens de Capri adquirem uma luminosidade nova na pintura brasileira.

Visconti, ao invés, que partira no ano anterior como pensionista da já então Escola Nacional de Belas Artes, estava apto a se integrar nesse ambiente. Seu espírito poético, entusiasta e ávido de conhecimentos começa por se impressionar pela delicadeza e graça das figuras de Botticelli, dando-nos umas poucas obras impregnadas da beleza daquele mestre. Bafejado pela encomenda da decoração do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, procura no impressionismo divisinista os efeitos que tem em mente obter. Estuda-o, e como resultado temos não só a magnífica decoração de nossa maior casa de espetáculos como o reconhecimento do valor do artista no próprio meio. Essa decoração, executada cêrca de uma década depois da da Igreja da Candelaria, grandiosa obra de Zeferino da Costa, marca bem o espírito de duas gerações de artistas: a de Zeferino é a expressão daquele mundo clássico-romântico que findava com o século XIX; a de Visconti, a agitação esperançosa que animava o século XX iniciante.

A atitude de Visconti era a de um pioneiro em nosso meio artístico — as decorações, no mesmo teatro, entregues a outros contemporâneos seus, um pouco mais velhos, nomes consagrados como Amoêdo e Bernardelli, atestam-no bem. O mesmo se pode verificar nas decorações executadas logo após na Biblioteca Nacional recém-construída. Porém a influência impressionista se faz sentir naquelas que se seguem, realizadas por artistas mais jovens: Hélio Seelinger, um ano depois no Clube Naval, onde tem ocasião de expor sua personalidade marcante, vivendo um mundo bizarramente colorido e fantasioso de ninfas e tritões; Lucílio de Albuquerque e Carlos Oswald no Conselho Municipal, e Rodolpho Chambelland no Palácio Tiradentes, fazendo uso da técnica divisionista.

Com essas conquistas, retemperada por um sentido mais vibrante de côr e pela pincelada cada vez menos comedida, manifesta-se a pintura do primeiro quartel do século XX. Pedro Alexandrino com suas sólidas naturezas-mortas, de que a Pinacoteca de S. Paulo é possuidora de excelente coleção, as vêzes ultrapassa seu natural realismo e alcança grande lirismo de colorido, como em «Na copa» do Museu Nacional de Belas Artes. Lucílio de Albuquerque, pintando nus numa fatura cada vez menos procurada, descobre novos meios de expressão na paisagem, que lhe permite um tratamento bem mais livre. Parreiras, da mesma forma, depois de atravessar uma fase em que dá ao nu a sua preferência, envereda-se de novo para a paisagem, com uma paleta mais viva, entretanto, e uma fatura mais desembaraçada. Presciliano Silva, em sua procura da côr não sacrifica a ciência do desenho — executa na Bretanha uma série de estudos interessantíssimos que virão a ser o introito à sua esplêndida bagagem artística.

Concomitantemente, Batista da Costa prossegue em sua técnica minuciosa, poética, sob o domínio absoluto dos verdes. Se não se deixa arrastar pela agitação que já transparece em nosso meio artístico, não deixa de sentir-lhe a influência quando mancha mais larga e violentamente como na «Paisagem de Petrópolis» do

Liceu de Artes e Ofícios ou «Sapucaieiras engalanadas» do Museu Nacional de Belas Artes. Temos, então, como que um retôrno à procura da luminosidade que já se apresntava em sua fase de Capri, quase desconhecida.

Estamos, afinal, em plena pintura contemporânea. O movimento modernista que se manifesta ao iniciar o segundo quartel do século toma incremento depois de 1930. Duas correntes artísticas, ficam em cena: uma que se apega à tradição, e que não admite um desrespeito integral à forma e aparência das coisas; a outra, dando inteira liberdade ao artista, concede-lhe o direito de modificar a natureza, desvirtuando-a ou mesmo abolindo-a quando a fantasia o leva a tal.

São Paulo se desenvolve num grande centro de arte e divide, com o Rio, a liderança da vida artística do País. Várias capitais se animam. O movimento se propaga a ponto de se organizar também no Rio Grande, Bahia e Niterói, Salões anuais em que participam os maiores nomes da pintura contemporânea nacional.

O intercâmbio artístico-cultural com o estrangeiro incentiva o gosto do público pelas belas-artes e o interêsse do artista pelo que se fez e se faz em outros centros. São pintores nossos que expõem fora, como representação brasileira em certames internacionais. São, principalmente, como resultado da 2ª Guerra, grandes exposições vindas da França, da Inglaterra, dos Estados Unidos, do Canadá, de Portugal, etc., apresentando quer um desenvolvimento parcial da pintura num desses países, quer um aspecto de seu panorama artístico contemporâneo.

De 1940-1950 procura-se uma fórmula convincente para o Salão Nacional de Belas Artes. Começa-se pela separação das duas tendências, criando sob o mesmo Salão duas divisões autônomas com juris inteiramente à parte. Outras soluções tem-se apresentado; não se chegou, contudo, a uma fórmula definitiva. O que patenteiam essas procuras conciliatórias é que atravessamos um período de transição, perfeitamente explicável na tensão espiritual do momento que vivemos.

As exposições particulares se avolumam. Há arte para todo o gosto. Numerosos artistas estrangeiros, impelidos pela Guerra, vieram se fixar entre nós. Já não se estuda arte apenas nas escolas oficiais ou oficializadas: os centros de divulgação aumentaram, e com êles as suas associações de classe.

É digno de nota o interesse geral pelo conhecimento da evolução das belas artes e pela explicação da arte de sua própria época. É uma curiosidade característica do tempo, e que se aplica a todos os ramos artísticos, à música inclusive. Cursos especializados ou conferências a respeito contam com um público certo. Os livros de arte principiam a ter uma saída cada vez maior. À medida que aumenta essa base teórica, mais se exige da crítica: já não bastam as belas páginas literárias que de crítica de arte pouco têm.

Os museus, em número crescente em todo o país, contribuem consideravelmente para a satisfação das novas exigências. Seja organizando exposições com um caráter cultural, seja promovendo retrospectivas em que focaliza o desenvolvimento completo de uma personalidade artística, seja ainda por suas publicações especializadas ou visitas guiadas, o fato é que o museu se tornou na vida de hoje um centro de estudos e de cultura.

Aí está, em linhas gerais, um panorama do ambiente artístico brasileiro de 1850-1950, período que abrange a presente exposição.

LYGIA MARTINS COSTA

Conservador do Museu Nacional de Belas Artes

RELAÇÃO DOS ARTISTAS E DAS OBRAS

I AGOSTINHO JOSÉ DA MOTTA (1824-1878)

- 1 Mamão e Melancia
- 2 Fábrica do Barão de Capanema

II VICTOR MEIRELLES DE LIMA (1823-1904)

- 3 Cabeça de homem
- 4 A Bacante
- 5 Batalha de Riachuelo

III JOÃO ZEFERINO DA COSTA (1840-1915)

- 6 O Óbulo da viúva
- 7 A Caridade
- 8 Cabeça de mulher
- 9 Cabeça de homem

IV PEDRO AMÉRICO DE FIGUEIREDO E MELLO (1843-1905)

- 10 O voto de heloisa
- 11 Rabequista árabe
- 12 Moisés e Jacobé

V JOSÉ FERRAZ DE ALMEIDA JUNIOR (1850-1899)

- 13 Descanso do modelo

VI JERONIMO JOSÉ TELLES JUNIOR (1851-1941)

- 14 Buritis
- 15 Paisagem pernambucana

VII DECIO RODRIGUES VILLARES (1851-1931)

- 16 Retrato de senhora

- VIII MODESTO BROCOS Y GOMES (1852-1936)
17 Engenho de mandioca
- IX FRANCISCO AURELIO DE FIGUEIREDO E MELLO (1854-1916)
18 O copo d'água
19 Pico de Itacolomi
- X PEDRO WEINGARTNER (1856-1929)
20 Chegou tarde
21 Derrubada
- XI ESTEVÃO SILVA (-1891)
22 Natureza morta
- XII RODOLFO AMOÊDO (1857-1941)
23 Más notícias
24 Amuada
25 A partida de Jacó
- XIII BELMIRO DE ALMEIDA (1858-1935)
26 A Tagarela
- XIV HENRIQUE BERNARDELLI (1858-1936)
27 A Tarantela
28 Cabeça de homem
29 Messalina
- XV ANTONIO PARREIRAS (1860-1937)
30 Velho parque
- XVI MANOEL LOPES RODRIGUES (1860-)
31 Auto retrato
- XVII JOÃO BAPTISTA CASTAGNETO (1862-1900).
32 Praia de Mourillon
33 Praia de Sta. Luzia
- XVIII PEDRO ALEXANDRINO (1864-1942)
34 Cesto entornado

- XIX JOÃO BAPTISTA DA COSTA (1865-1926)
35 Sapucaieiras engalanadas
36 A caminho do curral
- XX RAPHAEL FREDERICO (1865-1934)
37 Descida da cruz
- XXI OSCAR PEREIRA DA SILVA (1867-1940)
38 Sansão e Dalila
- XXII ELISEU D'ANGELO VISCONTI (1867-1944)
39 Retrato de Gonzaga Duque
40 Oreades
41 Retrato de D. Nicolina Vaz de Assis
42 Auto retrato
- XXIII EUGENIO LATOUR (1874-1939)
43 Bianca
- XXIV LUCILIO DE ALBUQUERQUE (1877-1939)
44 Sono
45 Gávea Golf
- XXV HELIO SEELINGER (1879)
46 Jangadeiro
- XXVI RODOLFO CHAMBELLAND (1879)
47 Retrato de senhora
- XXVII MARIO VILLARES BARBOSA (1880-1917)
48 Façade Bigoudène
- XXVIII ARTUR TIMOTEO DA COSTA (1882-1922)
49 Auto retrato
- XXIX MANOEL MADRUGA (1882-1915)
50 Leitura santa

- XXX CARLOS OSWALD (1882)
51 Supremo esforço
- XXXI PEDRO BRUNO (1884-1949)
52 Símbolo das praias
- XXXII CARLOS CHAMBELLAND (1884-1950)
53 Interior de atelier
- XXXIII PRESCILIANO SILVA (1884)
54 Interior bretão
- XXXIV GEORGINA DE ALBUQUERQUE (1885)
55 Raio de sol
- XXXV REGINA VEIGA
56 Auto retrato
- XXXVI LEOPOLDO GOTUZZO (1887)
57 Nu de costas
- XXXVII ANGELINA AGOSTINI (1888)
58 Vaidade
- XXXVIII PAULO DO VALLE JUNIOR (1889)
59 Fazenda do Engenho d'água
- XXXIX HENRIQUE CAVALLEIRO (1894)
60 Mimi, o modelo
- XL ALBERTO DA VEIGA GUIGNARD (1896)
61 Jardim Botânico
- XLI MANOEL SANTIAGO (1897)
62 Auto retrato
- XLII HAYDÉA SANTIAGO
63 Retrato de senhora

- XLIII JOÃO FAHRION (1898)
64 Interior com figura
- XLIV MANOEL CONSTANTINO GOMES RIBEIRO (1899)
65 Broa de milho
- XLV EUGENIO SIGAUD (1899)
66 Acidente de trabalho
- XLVI CAMARGO FREIRE
67 Alto do Lageado
- XLVII EMIDIO MAGALHÃES
68 Sobrado da Preguiça
- XLVIII JORDÃO DE OLIVEIRA (1900)
69 Auto retrato
- XLIX CANDIDO PORTINARI (1903)
70 Retrato de senhora
- L JOSÉ PANCETTI (1903)
71 Marinha
- LI OSWALDO TEIXEIRA (1905)
72 Véspera de festa
- LII ADO MALAGOLI (1908)
73 Por quê?
- LIII TOMÁS SANTA ROSA (1909)
74 Pescadores
- LIV ARQUIMEDES DUTRA (1909)
75 Terras do Brasil
- LV ARLINDO CASTELLANI (1910)
76 O antiquário

AGOSTINHO JOSÉ DA MOTTA (1824-1878)

O nome de Agostinho José da Motta ficou definitivamente ligado ao gênero da natureza morta. Realmente seus apanhados de frutas ou estudos de flores brasileiras apresentam um cunho bastante original num misto de observação sincera e simplicidade de composição. Foi, além disso, dos maiores paisagistas brasileiros de sua época. Um tanto impessoal nos belos aspectos da planície romana que nos trouxe de volta da Itália, acusa uma visão muito mais própria quando executa telas como a «Fábrica do Barão de Capanema» da coleção do Museu. Temos então o pintor seguro de sua técnica, um colorista justo, forte e sensível.

Praticou ainda a pintura de retratos, mostrando-se sempre de uma observação aguda, não só do carácter físico como psicológico de seu modelo.

Nasceu Agostinho José da Motta no Rio de Janeiro a 21 de junho de 1824. Em 1837 matriculou-se na Imperial Academia de Belas Artes e em 1850 conquistava na Exposição Geral o Prêmio de Viagem à Europa.

Depois de estudar em Roma com o pintor francês Benonville, ali domiciliado, na Exposição Geral de Belas Artes do Rio conquistava a medalha de ouro em 1852.

De volta a seu país sucedeu a Augusto Muller na cadeira de paisagem da Imperial Academia onde exerceu o professorado até seu falecimento, ocorrido a 21 de agosto de 1878.

L. M. C.

1 *MAMAO E MELANCIA* 0.64 x 0.47 s/a s/d.

2 *FABRICA DO BARAO DE CAPANEMA* 0.35 x 0.53 (a) s/d

VICTOR MEIRELLES DE LIMA (1832-1903)

Disputou com Pedro Américo, a maior popularidade na arte brasileira do século XIX. De temperamento modesto, tímido, paciente e metódico, Victor Meirelles foi o professor da Imperial Academia de Belas Artes que mais influência exerceu sobre seus discípulos.

Não procuremos arroubos em sua pintura — encontraremos, ao invés, uma técnica perfeita, desenho dos mais precisos, o colorido discreto mas fino, a composição conseguida num arabesco elegante e sóbrio.

Victor Meirelles é um romântico, um contemplativo educado nos moldes clássicos. Assim conhece desenho e côr profundamente: o seu temperamento discreto e meticuloso manteve-o num equilíbrio e harmonia que oferecem seu ponto culminante em a «Primeira Missa no Brasil». Sua obra-prima, e talvez o quadro mais impressionante da pintura de seu tempo em toda a América, é o atestado do valor do artista.

As encomendas oficiais de cenas de batalha não puderam demover seu estilo calmo. Nesses quadros, de assuntos e dimensões tão impróprios à sua personalidade, a perspectiva aérea é a nota mais forte — seus longes magníficos dominam a composição, tão mais rica de colorido quanto menor é a tela. Mas quem lhe analisa a obra vê-se obrigado a destacar seus estudos de cabeça, de grande simplicidade, harmonia e modelado suave; seus pequeninos estudos de traje, manchados com uma espontaneidade não comum em seu estilo; e finalmente suas magníficas vistas do Rio de Janeiro. São os estudos do «Panorama», última produção do pintor e infelizmente destruída por incúria oficial. São paisagens ora calmas, ora cheias de uma vibração contida, emocionantes na luz suave que se espraia até os horizontes inigualáveis, com toques de sol num casario ou numa folhagem, toques êsses que dão vida e movimento ao conjunto. Sua maior consagração foi a coleção recente do Museu Victor Meirelles, a ser inaugurado na casa em que nasceu o artista em Florianópolis.

Nasceu Victor Meirelles no então Destêrro, Santa Catarina, a 18 de agosto de 1832. Em 1847 era matriculado na Imperial Academia de Belas Artes e em 1852 aí conquistava o Prêmio de Viagem à Europa. Os oito anos que levou na Itália e França foram aproveitados conscienciosamente, coroando-os com a pro-

dução da «Primeira Missa no Brasil». De volta à Pátria foi agraciado com o título de Cavaleiro da Ordem da Rosa e nomeado professor de pintura da Academia, cargo que exerceu com dedicação sem limites. Afastado da cátedra quando se deu a renovação do corpo docente da Escola, em 1890, viu-se a braços com grande dificuldade financeira até seu falecimento ocorrido a 22 de fevereiro de 1903.

L. M. C.

3 *CABEÇA DE HOMEM* 0,59 x 0,50 (a)

4 *A BACANTE* 0,77 x 0,99 s/a s/d

5 *BATALHA DE RIACHUELO* 0,77 x 1,54 s/a s/d

JOÃO ZEFERINO DA COSTA (1840-1915)

Não chegou a alcançar a popularidade de um Victor Meirelles ou um Pedro Américo, mas gozou de grande reputação no mundo artístico. Sobrevivendo a ambos, tornou-se a figura mais respeitada da pintura brasileira, o último descendente da geração heróica do 2º Reinado na Escola Nacional de Belas Artes.

A decoração da Igreja da Candelária, no Rio de Janeiro, foi o que se fez de mais importante no gênero no nosso século XIX. Com um grupo de discípulos, Zeferino se incumbiu da pintura da Capela-mor, zimbório e nave principal da grande igreja recém-construída. O êxito que alcançou foi completo: atestam-no a crítica da época e o fato de ainda ser até hoje um dos pontos de atração turística da cidade, a visita à Igreja da Candelária.

A pintura de Zeferino da Costa mostra certa afinidade com a de V. Meirelles. Em ambos constatamos qualidades notáveis de colorista, a tinta bem compreendida em seus efeitos de transparência e luminosidade, a técnica de uma emoção controlada, a composição plácida atestando uma linguagem poética muito sensível. Porém em Zeferino há maior preocupação com o modelado dos corpos, a escala cromática é mais quente e por vezes é sobre um detalhe mais vivo ou luminoso que se desenvolve toda a composição.

Os estudos de cabeça, tão numerosos na obra dos dois artistas, ainda acusam maior semelhança. Patenteia, contudo, um tem-

peramento mais ativo a pintura de Zeferino, e mais lírico a de Victor.

Nasceu João Zeferino da Costa no Rio de Janeiro a 25 de agosto de 1840. Diplomado pela Imperial Academia de Belas Artes, em 1868 conquistava o prêmio de viagem à Europa. Na Academia de S. Lucas, onde estudou em Roma, obteve premiações que lhe valeram, por parte de D. Pedro II, uma prorrogação de sua estada no estrangeiro. De volta ao Brasil, em 1877, foi nomeado professor honorário da Academia de Belas Artes, substituindo provisoriamente V. Meirelles, e no ano seguinte, em caracter efetivo, a Agostinho da Motta que acabava de falecer. Com interrupções aí regeu várias cadeiras. A decoração da Igreja da Candelária consagrou-o como um dos expoentes de nossa pintura. Faleceu a 24 de agosto de 1915, depois de ter retornado à Europa por mais duas vezes. Deixou também um livro muito interessante sobre desenho.

L. M. C.

6 O ÓBULO DA VIÚVA 1,38 x 1,01 (a) d — Roma 1876.

7 A CARIDADE 0,86 x 1,12 (a) d — Roma 1882

8 CABEÇA DE MULHER 0,43 x 0,32 (a) d — Roma/71

9 CABEÇA DE HOMEM 0,41 x 0,32 d — Roma/70

PEDRO AMÉRICO DE FIGUEIREDO E MELLO (1843-1905)

Como não falarmos da fantasia ardente de Pedro Américo, da versatilidade de sua cultura, da sua expressão brilhante e fácil, e da auto-satisfação proveniente da possibilidade de desenvolver com galhardia atividades tão diversas?

Trai sua pintura tôdas essas manifestações. Desenhista exímio, como aquêles educados nos moldes rígidos da velha Academia de Belas Artes e estagiados na Europa em ateliers em que o conhecimento do desenho era exigência de primeira necessidade, Pedro Américo deu a êste a fôrça que Ingres, seu mestre, defendia com tanto ardor. É a nota marcante de sua arte. Não há escorço, por difícil que seja, que êle não tenha vencido com extraordinária segurança. Essas dificuldades êle não as evitava: Procurava-as até. De um linearismo fluente e elegante, revela não só a

concretização de um talento precoce como uma assimilação aguçada da arte francesa com que tanto conviveu.

Quanto à côr, é feliz em "Rabequista árabe" e «Jocabed e Moisés», e alcança luminosidade na «Batalha do Avaí», tela em que confronta com as melhores no gênero.

Foi um mestre na composição. Em motivos simples, com uma figura ou duas, ou aquelas em que dezenas ou mais se chocam, organiza o jôgo das massas sempre com vigor, desembaraço e elegância. A figura humana impera; a paisagem raríssima, e assim mesmo como fundo esporádico de um ou outro quadro. Cenas vibrantes de vida, gestos dramáticos e expressivos traduzem, em telas de grandes dimensões, a incandescência do espírito do pintor, seus arroubos imaginosos que a pintura bíblica e heróica tanto favorecia.

Produziu muito e foi a figura mais popular da arte brasileira de seu tempo.

Nasceu Pedro Américo na cidade de Arêas, Paraíba do Norte, a 29 de abril de 1843. Um talento precoce fê-lo, menino ainda, desenhista de uma expedição científica. Em 1856 matriculava-se na Imperial Academia de Belas Artes, e três anos depois, por proteção do Imperador, partia para a França. Em Paris estuda sob a direção de Ingres, Cognat, Flandrin e mais tarde H. Vernet.

Foi dos pintores mais cultos que temos tido. Muito viajado, graduado pela Sorbonne e pela Universidade de Bruxelas, dedicou-se também a literatura e estudos filosóficos, participando até do Congresso Nacional.

Não exerceu com continuidade o professorado na Academia de Belas Artes: não se ambientando no Rio de Janeiro, por várias vezes ausentou-se do País. Suas premiações foram numerosas, destacando-se a de dignitário da Ordem da Rosa que o elevava à categoria de «Grande do Império». Faleceu em Florença, a 7 de setembro de 1905, sendo seus restos mortais trasladados para Paraíba, seu Estado natal.

L. M. C.

10 O VOTO DE HELOISA 1,50 x 1,04

12 MOISÉS E JACOBÊ 1,54 x 1,06 (a) d — 1884

11 RABEQUISTA ARABE 0,88 x 0,60 (a) d — 1884

JOSÉ FERRAZ DE ALMEIDA JÚNIOR (1850-1895)

Dos mais vigorosos pintores brasileiros, apresenta grande equilíbrio de desenho e colorido, e um sentimento plástico inteiramente novo em nossa pintura do século XIX. Sua paleta sóbria em geral, mostra nos últimos trabalhos executados na Europa tonalidades mais ricas e efeitos luminosos admiráveis.

Possui o Museu Nacional de Belas Artes não a maior, porém a melhor coleção de suas obras. É impossível salientar uma, quando se tem um conjunto que honraria a pintura realista em qualquer museu estrangeiro. No «Derrubador brasileiro» (1879) e no «Judas» (1880) é o modelado poderoso da figura única o que empolga o visitante. O realismo com que executou essas figuras e a proporção avantajada que lhe deu conferem um carácter monumental à obra. Já em «Fuga para o Egito» (1881), é a poesia o que mais perturba. É a luz misteriosa e palpitante da madrugada que, partindo do horizonte vem, em vibrações perceptíveis, banhar o grupo do 1º plano. A luminosidade é o ponto culminante a que aspira o pintor — e o consegue numa técnica que chamaríamos de pré-impressionista. «Descanso do modelo» (1882), de proporções bem menores é uma cena de interior na qual Almeida Júnior se mostra um intimista consumado. É surpreendente a unidade do quadro quando tantos são os detalhes; mas é que a luz, mais uma vez, prova seu efeito unificador quando interpretada por um mestre.

Alcançava, portanto, Almeida Júnior o ápice a que poderia aspirar um artista nosso. Não obstante, retornando ao país, depois da tradicional exposição de seus trabalhos, reintegra-se na cidadezinha natal. Dá-nos sua última obra prima em 1888, com «Caipiras negaceando». Não sabemos o que mais admirar — se a perfeição da técnica ou o sentido agudo de penetração psicológica: é um instante decisivo, focalizado pela observação de um grande artista.

As telas que se seguem, ilustrando o viver rústico do sertão brasileiro, apresenta-nos um artista inteiramente voltado para o homem e a terra que êle tanto amava.

O quadro histórico «A partida da Monção» (1897) foi seu último trabalho importante.

Nasceu José Ferraz de Almeida Júnior em Itú — (S. Paulo) a 8 de maio de 1850. Com o auxílio de amigos vem para o Rio

de Janeiro, matriculando-se na Imperial Academia de Belas Artes em 1869. Estudou pintura com Victor Meirelles, obtendo no período do curso a medalha de ouro.

Tendo-se fixado novamente na província graças ao interesse de D. Pedro II, que lhe custeou a viagem à Europa, parte para Paris em 1876. Depois de 6 anos regressa, e após ter exposto seus trabalhos no Rio, uma vez mais se estabelece em Itú. Faleceu assassinado na cidade de Piracicaba a 13 de novembro de 1899.

L. M. C.

13 *DESCANSO DO MODELO* 0,97 x 1,30 (a) d — Paris 1879.

JERONIMO JOSÉ TELLES JUNIOR (1851-1914)

Antes de definir-se como pintor, Telles Júnior levou uma vida relativamente acidentada, experimentando uma profissão, outra, descendo do Recife ao Rio Grande, subindo ao Rio, voltando ao Recife, sem acertar com uma vida que lhe satisfizesse. Mas, fato curioso, enquanto tentava empregos tão variados, o seu interesse por arte se manifestava cada vez maior. Estudou com Eduardo de Martino e com Agostinho da Motta; esporadicamente, porém. Mas pintava sempre.

Dia chegou, afinal, que Telles Júnior se decidiu: não seria senão artista. E não só trabalhando com afinco, mas incentivando o desenvolvimento das belas artes pelo seu ensino e organização de exposições, Telles Júnior foi conquistando um nome em seu meio. Em 1891 já representou Pernambuco na Exposição de Chicago.

Trabalhava em quadros pequenos, minucioso de técnica, e era no mato que ia buscar seu tema. Suas paisagens não traduzem recantos poéticos ou aspectos soberbos da natureza — realizam o que há de mais rústico, mais simples, mais comezinho. É o interior do Estado, as cercanias quase despovoadas dos vilarejos, a mata rala, avivada aqui e ali por umas figurinhas que passam.

Mas há uma harmonia geral em toda sua obra. Os verdes, a princípio pobres em suas tonalidades terrosas, tristes, se enriquecem com o correr do tempo. O azul entra-lhes na composição e, parece, com ele a pincelada tímida dá lugar a uma fatura mais livre. A calma dos primeiros tempos, à procura dos detalhes, sucede

a agitação da sua segunda época, a visão mais generalizada. Vejam-se os dois quadros da coleção do Museu Nacional de Belas Artes, um datado de 1889, o outro de 1901.

Nasceu Jerônimo José Telles Júnior no Recife a 2 de agosto de 1851. Depois de infrutiferamente tentar o comércio e a marinha, graças a um estudo invulgar com E. de Martino no Rio Grande e com Agostinho da Motta no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro. Dedica-se à pintura. Fêz-se pintor em Pernambuco e leciona no Liceu de Artes e Ofícios do Recife onde organiza exposições artísticas industriais. Em 1908 conquista a medalha de ouro no Salão Oficial. Depois de ter sido deputado federal falece a 14 de maio de 1914.

L. M. C.

14 *BURITIS* 0,40 x 0,60 (a) d — 1889

15 *PAISAGEM PERNAMBUCANA* 0,46 x 0,54 (a) d — 1901

DECIO RODRIGUES VILARES (1851-1931)

Desenhista seguro, deixou-se empolgar pela arte de Pedro Américo de quem foi discípulo em Florença. Sua fatura é em geral fria, se bem que elegante. Como Pedro Américo, deu preferência aos assuntos bíblicos, que sua cultura facilitava. Segundo a crítica da época prejudicava-o uma acentuada tendência pelo «chic».

Não obstante, não raro apresenta retratos de senhora que traduzem uma sensibilidade requintada, uma compreensão da cor das mais sutis, um modelado delicadíssimo e uma observação da natureza que faz inveja aos grandes retratistas. É o caso do «Retrato de Senhora» que figura na Exposição, talvez sua obra prima.

Vêzes há que procura efeitos mais inesperados de cor, com contrastes mais audaciosos, em busca da luminosidade pictórica. Outras, em tonalidades suaves, alcança o sentido poético que pode ser notado em «Paolo e Francesca», também da coleção do Museu.

Além de pintor, Décio Vilares foi um escultor de renome, possuindo trabalhos seus as melhores galerias do País.

Nasceu Décio R. Vilares no Rio de Janeiro a 1 de dezembro de 1851. Depois de cursar a Imperial Academia de Belas

Artes segue para a Europa em 1872. Em Florença estudou com Pedro Américo, em Paris com Cabanel, impregnando-se, desta forma, da arte francesa acadêmica. De volta ao Brasil, nove anos mais tarde, produz abundantemente. Faleceu no Rio de Janeiro bastante idoso a 21 de junho de 1931.

L. M. C.

16 *RETRATO DE SENHORA* 0,55 x 0,46 (a) d — 1889

MODESTO BROCOS Y GOMES (1852-1936)

Conquanto nascido em Espanha, Modesto Brocos é considerado artista brasileiro porque se integrou perfeitamente aos nossos usos e costumes. Sentiu bem a paisagem brasileira a qual reproduziu em várias épocas de sua vida, porém, melhor compreendeu a questão social e os hábitos da vida quotidiana. A composição dessas cenas populares são notáveis como sinceridade, ao tratar os tipos raciais.

Os estudos da figura humana mereceram de Brocos um acato fora do comum. Tinha preferência pela tonalidade castanha, na gama dos «terras».

Iniciou sua carreira artística com a gravura, especializando-se na água-forte. O Liceu de Artes e Ofícios deve-lhe a instalação do material para o ensino da gravura.

Viajou muito com permanências na Itália, França e Espanha, estudando *in loco* o tema para suas composições como a «Defesa de Lugo» e o «Triptico de S. Tiago».

Nasceu em Santiago de Compostela a 9 de fevereiro de 1852, sendo filho de pintor. Recebeu as primeiras noções de desenho com seu irmão escultor. Em 1871 foi para a Argentina, onde ganhou a vida como gravador. Veio para o Brasil no ano seguinte matriculando-se na Academia de Belas Artes. Sua longa permanência na Europa, como aluno aplicado da Academia aprimorou-lhe os conhecimentos técnicos. De 1900 em diante permaneceu no Brasil já tendo obtido em 1895, no Salão Oficial, a medalha de ouro com seu quadro «A Redenção de Can». Fêz parte dos juris e expôs até 1917 quando se retirou para a intimidade do lar até o fim de sua vida, que foi longa e laboriosa, pois faleceu aos 84 anos de idade a 28 de novembro de 1936.

O Museu Nacional de Belas Artes comemorou o centenário desse artista, com uma exposição retrospectiva, inaugurada na data de seu nascimento a 9 de fevereiro.

R. M. R.

17 *ENGENHO DE MANDIOCA* 1,58 x 0,75 (a) d —/92

FRANCISCO AURELIO DE FIGUEIREDO E MELLO (1854-1916)

Apesar de não possuir os dotes excepcionais de seu irmão Pedro Américo, com quem aliás estudou, nem por isso deixou de ser um bom pintor, consciencioso e com feição característica.

Sua paleta é variada e brilhante. Tinha certa tendência pelo romantismo. Exemplo: «Francisca da Rimini» em que o assunto se presta para desenvolver os dotes naturais do artista. Os planejamentos, as tapeçarias e os ornamentos são pintados com tonalidades quentes, bem observados e de maneira larga e desembaraçada.

«O Baile da Ilha Fiscal», bastante diverso e inferior ao acima mencionado, é, contudo, uma das suas obras mais conhecidas devido ao tema abordado. Marca uma época histórica: a sociedade de então no último baile da corte de D. Pedro II. Aí vemos personagens de destaque em grupos, comentando certamente os acontecimentos que logo depois sucederam: mudança de regime, banimento da Família Imperial, implantação da República.

Nasceu Aurélio de Figueiredo, no Estado da Paraíba, em 1854. Vindo para o Rio de Janeiro, matriculou-se na Imperial Academia de Belas Artes, sendo aí discípulo de seu irmão Pedro Américo, e de Jules de Chevrel e ainda companheiro de estudo de Décio Vilares.

Viajou muito pela Europa. De volta ao Brasil formou seu ambiente artístico inclusive no lar, pois todas as suas filhas dedicaram-se à música, fundadoras da «Escola Figueiredo» no ensino de piano.

Faleceu no Rio de Janeiro, em 1916.

R. M. R.

18 *O COPO D'AGUA* 0,58 x 0,46 (a) d — 1894

19 *PICO DE ITACOLMI* 0,58 x 0,70 (a) d — 1894

PEDRO WEINGARTNER (1856-1929)

Observador dos costumes regionais de sua terra natal, o Rio Grande do Sul, soube historiar com os pincéis os usos e indumentárias próprios da região, de maneira realista e pitoresca. Sem abusar das cores, há certo equilíbrio de tonalidades que dá boa harmonia à sua pintura.

Não procuremos arroubos e fantasias em suas obras mas uma reprodução simplista e fiel ao que lhe era dado ver.

Abordou também a paisagem e nesta a harmonia de tons e modelado rude e preciso revelam o temperamento do artista na sua melhor fase. Não há preocupação na escolha do tema, nos efeitos mais fáceis. Fixa um momento de atividade nos campos, como «A derrubada».

Nasceu Weingartner na cidade de Pôrto Alegre em 1856. Não sendo possível desenvolver seus conhecimentos artísticos na cidade natal, partiu para a Alemanha com 23 anos, estudando em Berlim, Munich, Hamburgo e Carlsruhe, onde se aperfeiçoou com o prof. Hildebrand.

Obtendo uma pensão de D. Pedro II, instalou-se em Roma, concluindo ali os estudos.

Vem ao Brasil e em 1884 figura pela primeira vez na Exposição Geral de Belas Artes sendo nomeado pouco tempo depois professor de desenho figurado na Escola Nacional de Belas Artes.

Foi também água-fortista e litógrafo.

Faleceu em Pôrto Alegre aos 27 de dezembro de 1929.

R. M. R.

20 *CHEGOU TARDE* 0,74 x 0,99 (a) s/d

21 *DERRUBADA* 1,20 x 1,48 (a) s/d

ESTEVÃO ROBERTO DA SILVA (-1891)

Era de temperamento irrequieto e revoltoso, porém dotado de muita força de vontade e energia o que o auxiliou a vencer em sua carreira artística.

Especializou-se em «natureza morta». De fatura meticulosa, segura, colorido intenso na gama dos amarelos, sua obra mostra conhecimento profundo do assunto e qualidades bastante desenvolvidas. As frutas em geral eram mais bem entoadas que as flores.

A crítica da época dizia a seu respeito: «realmente é difícil e até parece impossível pintar frutas melhor do que as que tem pintado Estevão».

Executou ainda retratos e temas históricos porém, é como pintor de natureza morta que deve ser apreciado no seu devido valor.

Nasceu no Rio de Janeiro de pais africanos. Deveu à sua energia de ânimo vencer os preconceitos da côr que o colocavam em situações difíceis apesar de seu talento artístico.

Na Imperial Academia de Belas Artes onde se matriculou em 1864, teve bons professores como Victor Meirelles, Jules le Chevrel e Agostinho da Motta. Seguiu as tendências dêste último também mestre nas naturezas mortas.

Contemporâneo de Firmino Monteiro, Medeiros e Belmiro de Almeida, faleceu a 9 de novembro de 1891.

R. M. R.

22 NATUREZA MORTA 0,85 x 0,65 (a) d — 1891

RODOLFO AMOEDO (1857-1941)

Amoedo é sem favor um dos mais renomados artistas da pintura brasileira. Dotado de invulgar inteligência e cultura, soube destacar-se entre seus colegas. Era um mestre no sentido exato da palavra. Não só no grande número de alunos que deixou, como conhecedor de tôdas as técnicas pictóricas. Aliás êsse conhecimento prejudicou em parte alguns de seus quadros pelo uso de técnicas diversas em experiências que gostava empreender.

Com que cuidado estudava suas composições para que nenhuma linha ou figura mal colocada quebrasse o equilibrio geral.

Sua formação artistica quase tôda processada em Paris, fêz com que sua pintura possua um cunho eminentemente francês,



porém a origem de seu nascimento, o calor dos trópicos, influenciaram para que Amoedo imprimisse tonalidade mais quente, mais segura.

Para as composições sacras, tema de sua predileção, conquanto não fôsse religioso, não media estudos acurados. Assim notamos certo misticismo romântico nas figuras «iluminadas» de seus quadros. O halo em que envolve a figura central, a faz ressaltar sem prejuízo das demais personagens no segundo plano.

Os temas históricos e as lendas brasileiras também o atraíam porém não hesitava em prejudicar a verdade histórica em benefício do equilíbrio das tonalidades como no caso do «Último Tamoio» no qual vestiu Anchieta com o hábito de franciscano em vez de jesuíta. Não o fez por ignorância pois conhecia bastante os temas que abordava.

Nasceu Amoedo no Rio de Janeiro a 11 de dezembro de 1857, filho do ator português Luís Carlos Amoedo. Em 1873 matriculou-se no Liceu de Artes e Ofícios onde aprendeu com Souza Lôbo e Victor Meirelles e no ano seguinte passa para a Academia de Belas Artes aí prosseguindo seus estudos com Zeferino da Costa e Agostinho da Motta. Obtendo o Prêmio de Viagem em 1878, parte para a Europa e lá permanece longos anos estudando com Cabanel, Baudry e Puvis de Chavannes. De volta ao Brasil é nomeado professor de pintura e mais tarde diretor da Escola.

Faleceu bastante idoso, aos 84 anos, sempre com o espírito lúcido e um tanto mordaz que dava muito pitoresco à conversa. A maioria de suas obras é hoje patrimônio do Musel Nacional de Belas Artes.

Além dessas belas composições, estudos de cabeças, estudos de nu feminino, Amoedo decorou o foyer do Teatro Municipal, a Biblioteca Nacional, o Palácio do Itamarati, a Casa da Moeda e o Supremo Tribunal.

R. M. R.

23 *MAS NOTÍCIAS* 1,00 x 0,73 (a) Rio 1895

24 *AMUADA* 0,73 x 0,48 (a) d — Paris 1882

25 *A PARTIDA DE JACÓ* 1,08 x 1,35 (a) d — Paris 1884

BELMIRO DE ALMEIDA (1858-1935)

Não recebeu de sua terra natal, Minas, as características que lhe são peculiares, por isso bem cedo se fixou em ambiente que melhor coadunava com seu temperamento irrequieto, boêmio e sarcástico: Paris.

Iniciou cedo sua carreira artística. Com vinte e poucos anos expunha seus trabalhos que eram bem aceitos. Assim prosseguiu e dêle temos uma série de obras interessantes onde predomina o realismo *doublé* de humorismo.

Sua pintura é alegre demonstrando muita sensibilidade e segurança de fatura e tonalidade.

Como escreveu Gonzaga Duque, era um mineiro que possuía a *verve*, a sagacidade de um parisiense *boulevardier*.

A sua atividade não se limitou à pintura: colaborou em jornais de Paris (*Assiette au beurre*, *Rataplan*) e de volta ao Brasil escreveu na *Gazeta de Notícias* ilustrando suas crônicas com traços chistosos sobre personagens e situações.

Além de bom desenhista, distinguiu-se como colorista fino e delicado nos painéis decorativos que teve ao seu cargo.

Nasceu na cidade do Cerro, Minas, a 22 de maio de 1858. A própria custa foi estudar em Paris com Jules Lefebvre. Na Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, foi professor de desenho em substituição a Pedro Weingartner.

Pouco demorou nesse cargo pois fixou residência em Paris onde faleceu a 12 de junho de 1935.

R. M. R.

26 A TAGARELA 1,28 x 0,83 (a) d — 1893

HENRIQUE BERNARDELLI (1858-1936)

É no Museu Nacional de Belas Artes que encontramos a representação mais forte da pintura de Henrique Bernardelli. Destaca-se aí sua obra executada na Itália, quando o artista se mostra mais ousado em sua composição e fatura, pincelando largamente, lançando os brancos com desembaraço e segurança,

modelando as côres com gosto e variedade, construindo com equilíbrio e côr local, finalmente, dando relêvo e naturalidade às figuras reproduzidas. Dentre as maiores afirmações de sua arte salientamos dessa fase a «Tarantela», quadro realizado com uma graça e vivacidade um tanto raras em sua obra; «Modelo em repouso», magnífico pastel que é a obra-prima do artista no gênero, e «Messalina», esboço difícil, a carnação esplêndida e o colorido rico, numa harmonia feliz de tons quentes e frios com efeitos sutis de claro-escuro.

Seus estudos dêsse período são inúmeros. Desenha a pena seguidamente — ao traço leve e firme combina às vezes a aguada a pincel. Aquarela muito também, numa técnica precisa e delicada. Seus primeiros óleos, vistas da Itália, cenas de Capri, Roma, etc., ainda se ressentem de seu aprendizado escolar. Mas pintando sempre, aos poucos se liberta. Executa, então, estudos de cabeça que viriam formar uma das facetas mais interessantes de sua obra. São tipos locais, cabeça de velhos, numa fatura larga, realista, a pasta gorda e saborosa.

De volta ao Brasil executa retratos sobretudo, e ainda encomendas maiores de decoração, não só de particulares, hoje destruídas, como também oficiais, como as do Teatro Municipal, da Biblioteca Nacional e do Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. Mais tarde coopera na decoração do Museu Paulista com um de seus grandes painéis, representando o desbravamento do sertão pelos bandeirantes. Sua técnica, então, já difere bastante do quadro do mesmo tema de patrimônio do Museu Nacional de Belas Artes, executado anteriormente.

Nasceu Henrique Bernardelli no Chile em 1858, vindo para o Rio criança ainda. Estudou na Imperial Academia de Belas Artes de 1870 a 1878, data em que, não tendo obtido o Prêmio de Viagem a que concorrera, partiu para a Europa por conta própria. Na Itália se fez verdadeiramente artista. Regressando ao Brasil em 1886 realizou uma exposição de seus trabalhos. Em 1889 obteve uma medalha de bronze na Exposição Universal de Paris e em 1890 a medalha de ouro na Exposição Geral de Belas Artes do Rio de Janeiro. É então nomeado professor da Escola Nacional de Belas Artes. Em 1916 conquista no Salão a Medalha de Honra. Fêz decorações para o Teatro Municipal, a Biblioteca Nacional e 22 medalhões «a fresco» da fachada do Museu Nacio-

nal de Belas Artes, cujos estudos podem ser vistos na Galeria Irmãos Bernardelli, do Museu. Faleceu a 5 de abril de 1936.

L. M. C.

27 A TARANTELA 0,98 x 0,98 (a)

28 CABEÇA DE HOMEM 0,64 x 0,45 s/a s/d

29 MESSALINA 2,08 x 1,15 (a) s/d

ANTONIO PARREIRAS (1860-1937)

Se é bem certo que a arte é um imperativo ao qual o verdadeiro artista não pode se furtar, esta verdade se aplica inteiramente a Antônio Parreiras. Viveu com os pincéis na mão e pode-se dizer que a morte o encontrou no seu pôsto, por isso sua produção foi imensa, pujante e extensa, não só no tempo como no número.

Jorge Grimm, professor alemão, foi o iniciador, entre nós, da pintura ao ar livre. Impressionado com os alunos confinados em atelier quando a nossa paisagem, a nossa luz, deviam ser as melhores fontes de inspiração, disse a frase que hoje é muito citada: «Quem quer aprender a pintar, arruma cavalete, vá p'ro mato». Causou por isso verdadeira revolução no ensino da época, onde tudo se pintava entre quatro paredes, inclusive paisagem.

Parreiras tomou ao pé da letra a recomendação do mestre. Seu temperamento irrequieto, encontrou afinidades no estilo original do mestre alemão. Ambos foram viver em Niterói.

As várias fases do dia, o jôgo de luz nas matas, o movimento de nuvens no céu, o reflexo do mar, os barcos nas praias de Niterói e Icaraí, tudo isso ele observava com olhar penetrante e sensível. Antes mesmo de conhecer de perto as diretrizes que o impressionismo impôs à pintura do fim do século passado já Parreiras, por instinto, as possuía dentro de si habituado como estava com a pintura do *plein air*.

A êsse artista devemos um número imenso de telas de assunto histórico nacional. Estudava-os com precisão de detalhes e fidelidade de tema.

Nasceu em Niterói a 20 de janeiro de 1860. De 1883 a 1937, pelo espaço de mais de meio século sua carreira artística segue uma trajetória ascencional. Estudos acurados no Brasil e na Eu-

ropa (onde esteve por várias vezes) firmaram sua técnica. Recebeu todos os prêmios que um artista de valor faz jus. Em 1923 a Medalha de Honra.

Após sua morte ocorrida a 17 de outubro de 1937, o Governo do Estado do Rio transformou sua residência em Niterói, em «Museu Antônio Parreiras».

R. M. R.

30 VELHO PARQUE 0,98 x 1,16 (a) d — Paris 1914

MANOEL LOPES RODRIGUES (1860)

Pintor de gênero, de retratos e de paisagens, verifica-se que em todos esses temas o artista buscava novos efeitos, preocupando em produzir algo de novo. Abordou-os com facilidade sem contudo uma preferência marcante para qualquer um.

A tonalidade de seus quadros, é, em geral sombria, escura, porém tratando-se de retratos soube tirar efeitos de valor como no seu «auto-retrato» que lembra Columbano. O artista português, com idêntica coloração, conseguiu como é notório, belíssimas composições, principalmente em suas pequenas telas de retratos da família e dos amigos.

Nos quadros de Lopes Rodrigues, certos toques mais claros atraem a atenção para um ponto determinado bem iluminado.

Nasceu na Bahia, a 31 de dezembro de 1860, e teve como primeiro mestre seu pai, professor Francisco Lopes Rodrigues.

Em 1882 foi para o Rio de Janeiro e aí conseguiu uma pensão do Imperador a fim de estudar na Europa. Em Paris permaneceu 10 anos. Estudou com Collin, Bonnat e Robert Fleury.

Em 1894 foi-lhe conferida a medalha de ouro de 3ª classe na Exposição de Belas Artes.

Voltando à Pátria, fixou residência na Bahia e foi professor da Escola Nacional de Belas Artes e do Liceu daquela cidade, onde formou uma plêiade de artistas, entre eles Presciliano Silva.

R. M. R.

31 AUTO-RETRATO 0,41 x 0,34 (a) s/d

JOÃO BAPTISTA CASTAGNETTO (1862-1900)

De origem italiana pois nasceu em Gênova, pode ser considerado artista nacional porque aos 13 anos veio para o Brasil, e aqui formou sua personalidade artística. Nasceu à beira do mar, filho de marinheiro e fiel às impressões de infância, escolheu o mar como tema de predileção. Conta-se que Castagnetto levava cartões, pequenas tábuas e a caixa de tintas para bordo de um pequeno barco alugado e lá se ia mar-a-fora nas águas da Guanabara.

Assim como um verdadeiro impressionista reproduzia as cambiantes de luz, de côr, que lhe feriam a visão.

De sensibilidade fina, colorido agradável, soube, como Boudin, fixar na tela as praias, o céu límpido ou carregado de nuvens, as barcas, as pedras.

Fêz parte do grupo de Grimm com Parreiras, Caron, Vasquez, França Júnior, contudo preferiu sozinho buscar sua inspiração em contato direto com a natureza. Da mais pequenina «mancha», essas jóias que transformaram inúmeras tampas de caixas de charuto em obras de arte, aos quadros de maiores dimensões, Castagnetto é incontestavelmente o mestre da marinha no Brasil. Colorista no sentido exato, não procurava efeitos artificiais. Sóbrio, as tonalidades são admiravelmente valorizadas e pequenos toques mais intensamente coloridos dão realce aos detalhes. Os horizontes fogem, distanciam-se no infinito.

Em pouco tempo esboçava uma «mancha» e assim tôdas as horas do dia estão representadas em seus quadros.

Como já dissemos, nasceu em Gênova, em 1862. Veio para o Brasil em 1875.

Obteve, na Exposição de 1884 a medalha de ouro, igual prêmio conferido ao seu mestre Grimm. Faleceu no Rio de Janeiro a 28 de dezembro de 1900.

R. M. R.

32 PRAIA DE MOURILLON 0,89 x 1,30 (a) d/93

33 PRAIA DE STA. LUZIA 0,56 x 0,99 (a) d — 1884

PEDRO ALEXANDRINO BORGES (18-6-1942)

Não era de supor que dados os princípios de atividade de Pedro Alexandrino no campo da arte, viesse êle a ser depois o melhor pintor no gênero que adotou de preferência. Impulsionado por vocação vigorosa que cedo o fêz procurar o meio artístico, trabalhou em decorações de interior auxiliando os especialistas da época em S. Paulo: os franceses Brandier (decorador da matriz de Campinas) e Estiveau e depois José Lucas Medeiros e o português Adriano Ferreira Pinto. Aquêles com quem trabalhou ficavam seduzidos pela capacidade rara do auxiliar. Teve amigos que desejaram custear seus estudos na Europa, porém a má sorte o perseguiu por três vêzes colhendo a morte, imprevistamente, a êsses protetores. Sempre resignado prosseguiu na labuta, agora por conta própria, chegando a receber pensão do Estado de São Paulo para cursar a Escola do Rio. De volta a S. Paulo trava conhecimento com Almeida Júnior com quem trabalha, em colaboração, por oito anos.

Nesta época pinta pela 1ª vez algumas naturezas-mortas. Ao vê-las exclama Almeida Júnior: «Não pinta senão isso, é a tua arte». Seu temperamento pacato, caseiro, fêz com que encontrasse nesse gênero de pintura a sua verdadeira vocação. Os objetos de uso doméstico tinham um sentido plástico; via nêles tôda luminosidade que captavam. As tonalidades quentes, vivas, brilhantes, começaram a surgir de sua paleta e os arranjos de flores, frutos, tachos de metal, cantos de mesa, eram dispostos em perfeito equilíbrio, e maneira fácil. Hoje todo êsse material, recolhido com carinho, constiui patrimônio da Pinacoteca de S. Paulo em sala arrumada para êsse fim. Não são necessários para tornarem mais eloquentes seus quadros, porém mostram a riqueza de colorido que emprestava a tais utensílios.

Nasceu em S. Paulo no ano de 186 . Após o conselho de Almeida Júnior, seguiu com êste para a Europa, pensionado pelo Governo. Em França estudou com Chretien e Antoine Vollon; grande admiração havia entre o aluno e êste último mestre que lhe orientou e mesmo legou muitos segredos de sua técnica que fêz com que chegasse a ser o maior artista nacional no gênero. Obteve medalha de ouro em 1922 e de Honra em 1939. Faleceu em 1942.

R. M. R.

JOÃO BAPTISTA DA COSTA (1865-1926)

A influência de Baptista da Costa nos paisagistas contemporâneos, é incontestável. Foi ele na 2ª metade do século XIX o melhor intérprete da paisagem brasileira, com justeza de tonalidade. Procurou fixar a gama dos verdes de que somos tão ricos, o jôgo da luz filtrando-se através dos galhos das árvores, o morço ou a luz clara do dia, as sombras envolventes que por vêzes velam as coisas. Os planos, os valores, não constituíam dificuldade para Baptista da Costa. Deixava que a natureza transmitisse à sua alma sensível aquilo que melhor tinha para ser reproduzido; assim é que procurava não repetir os cortes paisagistas, as tonalidades, por isso facilmente podemos distinguir uma paisagem de Petrópolis, cidade de sua predileção, de outra executada na baixada fluminense ou nos campos de S. Paulo.

Apesar de paisagista, acreditava que mesmo no gênero que escolhera, o desenho devia ser fundamental, por isso estudava o modelo vivo abordando também o retrato. Dentre êsses, além do seu e muitos da família e de amigos, podemos citar o retrato de D. Pedro II, justa homenagem àquele que criou a cidade serrana, tão cara a ambos.

Nascido na cidade fluminense de Itaguaí, a 24 de novembro de 1865, foram seus primeiros anos de existência passados em condições humildes. Órfão aos 11 anos foi internado no Asilo de Menores Desamparados (hoje Instituto João Alfredo). Com verdadeira inclinação para o desenho, inscreveu-se em 1885 na Imperial Academia de Belas Artes. Aí seguiu aulas com Sousa Lôbo, J. Medeiros e Zeferino da Costa. Obtendo o Prêmio de Viagem em 1894 seguiu logo para a Europa onde estudou na Academia Julien de Paris. Já de regresso em 1898, não mais abandonou o país com posteriores viagens como faziam alguns de seus colegas. Com os envios ao Salão obteve todos os prêmios inclusive a Medalha de Honra em 1915.

Durante vários anos, de 1915 a 1926, Baptista da Costa, homem bondoso e retraído, infenso a aparecer, foi diretor da Escola Nacional de Belas Artes na qual já exercia desde 1906 o cargo de professor de pintura.

Faleceu repentinamente em 1926, no cargo de diretor da Escola.

R. M. R.

35 A CAMINHO DO CURRAL 0,98 x 1,30 (a) s/d

36 SAPUCAIEIRAS ENGALANADAS 0,97 x 1,46 (a) d — 1922

RAPHAEL FREDERICO (1865-1934)

Por quê ficou Raphael Frederico tão esquecido quando sua personalidade de artista é tão sensível e poética? É que o destino adverso havia-o determinado. O Museu Nacional de Belas Artes em boa hora, porém, tratou de rehabilitá-lo no conceito da geração de hoje. Recolhendo, no ano findo, 76 de seus trabalhos numa retrospectiva que lhe traçou a evolução artística, conseguiu impôr sua obra à admiração dos apreciadores e dos entendidos.

A produção de Raphael Frederico, pequena em número como é, revela, contudo, um desenvolvimento que bastante se assemelha ao de Visconti, na mesma época. Ao terminar o curso na Escola de Belas Artes, não podemos distinguir seus estudos a óleo, cabeças e academias, dos executados pelos seus colegas que havia de se consagrar o maior nome da pintura brasileira contemporânea. Quase que outro tanto podemos dizer de muitos dos trabalhos seus executados na Europa, na década dos 90. É que a linguagem poética de ambos era quase a mesma: um realismo sólido subordinado a um temperamento recatado, em extremo sensível.

Seu desenho é firme, sem maneirismos, que a sinceridade de sua visão não permitia. A côr, desde cedo, revela delicadezas infinitas — vêzes há, como no seu período italiano, que se detêm na construção plástica do modelo, em procura de efeitos mais objetivos, não perdendo com isso seu admirável instinto pictórico.

Sua procura colorística levou-o a estudar o impressionismo antes mesmo de Visconti. Dêsse estudo tirou uma experiência das tintas que lhe permitiu dar livre curso à poesia que lhe enchia a alma.

A «Tentação de Santo Antônio», do Museu, é sua obra mais conhecida — ressaltemos o estudo da cabeça do Santo, que é de uma espontaneidade e emoção admiráveis.

Nasceu Raphael Frederico no Rio de Janeiro, a 24 de outubro de 1865. Matriculou-se na Imperial Academia de Belas Artes em 1877, fazendo um curso com várias interrupções. Em 1893 conquistou o prêmio de viagem à Europa. Estudou em Paris com Bouveret, partindo em 1896 para Roma, onde auxiliou a Zeferrino da Costa na elaboração dos «cartões» para decoração da Igreja da Candelária do Rio de Janeiro.

Concorrendo ao Salão Oficial de 1899, obteve a medalha de ouro. De volta ao Brasil em 1900, dificuldades financeiras levaram-no a dedicar-se inteiramente ao magistério público.

Faleceu a 27 de novembro de 1934, já esquecido como pintor.

L. M. C.

37 *DESCIDA DA CRUZ* 0,56 x 0,76 (a) d — Roma 1897

OSCAR PEREIRA DA SILVA (1867-1940)

Bem que fluminense por nascimento, Oscar Pereira da Silva pode ser considerado um pintor paulista, de tal forma se ambientou nesse estado, integrando-se em sua vida e dêle recebendo toda sorte de compensação.

Seu preparo artístico deve-o ao Rio de Janeiro, porém. Aí estudou, praticou sob a orientação rígida de Zeferino da Costa, de quem foi dos melhores colaboradores na decoração da Igreja da Candelária, aí obteve o prêmio de viagem à Europa e aí fez sua primeira exposição, quando de retorno à pátria.

Uma ida a S. Paulo, todavia, mudou-lhe o destino. Fixou-se na capital paulista e recebeu encomendas oficiais como a decoração do Teatro Municipal, a execução de quadros históricos para o Museu Ipiranga, além de outros de carácter mais particular como os numerosos painéis que decoram as igrejas de Santa Efigênia e Consolação.

Foi Pereira da Silva um desenhista firme e delicado, um colorista de gosto, ora fazendo uso de uma escola romântica, como em «Infância de Giotto» e «Criação da Vovó» ambos em S. Paulo; ora como uma predileção por intonações mais quentes como o «Dorso de mulher» e «Sansão e Dalila», do Museu Nacional de Belas Artes. Ora de uma pasta mais fluida, como nos dois quadros primeiramente citados, ora de mais compacta como os dois últimos do Rio de Janeiro.

Pintor figurista, de uma geração saudável de tendências artísticas, e como um último representante da geração heróica que se fundava no princípio de século. Assuntos bíblicos e históricos, já de pouca aceitação entre seus contemporâneos da Escola, êle os

tratava com o mesmo interêsse com que abordava assuntos mais naturalistas, de gosto mais da época.

Nasceu Oscar Pereira da Silva em S. Fidelis, município de Campos, Estado do Rio, a 27 de agosto de 1857. Coursou a Escola Nacional de Belas Artes e terminando conquistou em 1887 o prêmio de viagem à Europa. Depois de ter estudado com Léon Gerôme e Bonnat em Paris, retornou à Pátria em 1896. A curta estada no Rio de Janeiro e estabelecia-se em S. Paulo, onde foi professor do Ginásio do Estado e do Liceu de Artes e Ofícios. Aí se firmou e deixou uma imensa bagagem. Dentre as premiações destacam-se a Grande Medalha de Ouro do Salão de São Paulo, o prêmio Histórico da Prefeitura, em 1936 e a medalha de honra no Salão do Rio, em 1937.

L. M. C.

38 SANSÃO E DALILA 0,58 x 0,78 (a) d — 1893

ELYSEU D'ANGELO VISCONTI (1867-1944)

É o pintor cuja obra apresenta um desenvolvimento mais coerente em toda arte brasileira. O pintor que venceu em sua *metier* sem transigir com o público ou com os colegas, numa evolução natural, continua, se renovando sempre, mas seguindo uma linha constante que era a sua personalidade artística. Espírito jovem, disposto a se familiarizar com as tendências audaciosas de sua própria geração e das gerações mais novas, absorveu aquilo que sentiu que lhe seria aproveitável.

Sua obra é variada. Seu desenvolvimento, já traçado pelo Museu Nacional de Belas Artes quando da organização de sua grande retrospectiva em 1950, apresenta diversas fases distintas, perfeitamente classificáveis. Se nos orientarmos, entretanto, no sentido da relação entre o desenho e a cor, destacaremos três períodos em sua produção:

1º — o do predomínio da linha, arabesco fino e sensível em que salientamos S. Sebastião, Oreades e Giuventú;

2º — o do equilíbrio do desenho e do colorido, fase do retrato de Gonzaga Duque. Não obstante, o seu temperamento é levado ao estudo da cor, notadamente na decoração do Teatro Municipal;

3º — o do domínio da cor, numa ânsia cada vez maior da luminosidade. As paisagens vão ocupando a primazia em sua arte

e a procura do «ar livre» é coroada de êxito. É a fase do «Auto-retrato» ora em exposição.

Se bem que Visconti cuidasse do desenho, é inegável sua sensibilidade sobretudo colorista. Quer ofereça efeitos delicadíssimos de tons, quer exalte a luminosidade das tintas por aproximações favoráveis, é indiscutível que era no colorido que experimentava suas emoções mais sutis. Seus numerosos retratos de família e inúmeras paisagens de St. Hubert, Santa Teresa e Teresópolis poderão prová-lo. Sobretudo o maior testemunho de sua arte, a decoração do *Foyer* do Teatro Municipal, que é um dos mais justos orgulhos da pintura brasileira.

Nasceu Visconti em Salerno, Itália a 30 de junho de 1867, mudando-se para o Rio de Janeiro com menos de um ano de idade. Estudou no Liceu de Artes e Ofícios e na Imperial Academia de Belas Artes. Em 1892 conquistava o Prêmio de Viagem à Europa. Frequentou em Paris a Escola de Belas Artes e a Escola de Artes Decorativas e viajou pela Espanha e pela Itália. Depois de uma curta estada no Rio e em S. Paulo retorna à França onde recebe encomenda da decoração do Teatro Municipal. De volta, durante uns poucos anos, ensina na Escola N. Belas Artes. Incumbido de executar a decoração do *foyer* do mesmo teatro retorna à Europa, só se estabelecendo no Brasil definitivamente depois de terminada a 1ª Grande Guerra. Executou ainda decorações na Biblioteca Nacional, Conselho Municipal e Câmara Federal.

Várias vezes premiado no estrangeiro, Visconti obteve entre nós as maiores premiações do Salão Oficial. Faleceu no Rio a 15 de outubro de 1944, deixando-nos vasta e magnífica bagagem artística!

L. M. C.

- 39 RETRATO DE GONZAGA DUQUE 0,92 x 0,65 (a) s/d
- 40 OREADES 1,82 x 1,08 (a) d — Paris 1899
- 41 RETRATO DE D. NICOLINA VAZ DE ASSIS 0,81 x 1,00 (a) d-1905
- 42 AUTO-RETRATO 0,82 x 0,59 (a) d — 1943

EUGENIO LATOUR (1874-1942)

Tendo deixado uma bagagem artística relativamente pequena, Latour é um dos nomes de nossa pintura que vêm caindo no esquecimento. Pouco dado a se fazer notar, discreto nos modos e

nas palavras, o pintor teve que dividir com o magistério particular o tempo que deveria ser devotado à sua arte. Mas se sua produção não é vasta, destaca-se, todavia, por sua qualidade.

Latour é um figurista e um intimista. Fazendo-lhe a crítica no Salão de 1903 Gonzaga Duque declara seus quadros anunciarem um grande artista. E apenas acabava de chegar da Europa em gozo de seu prêmio de viagem, Laudelino, em 1915, elogia-lhe a «técnica segura e delicada».

É um pintor da expressão humana, a feminina sobretudo, cada cabeça sua representa um estado d'alma. Aqui tristeza, dor concentrada, como vemos em «Soror materna»; ali a despreocupação e coquetismo, como temos em «Bianca». No primeiro, o colorido triste, sob o domínio das cores, os azuis pálidos dando a nota de contraste, nota discretíssima que condiz com o tema; no segundo a palheta mais quente, sóbria no tom geral, porém vibrante em seus toques alegres, de cores puras que dão um efeito impressionista ao conjunto.

Nasceu Eugênio Latour a 15 de março de 1874, no Rio de Janeiro. Na Escola Nacional de Belas Artes, em que se matriculou em 1894, estudou com Zeferino da Costa, Henrique Bernardelli e Rodolfo Amoedo. Em 1900 já obtinha a menção honrosa no Salão Oficial, no ano seguinte a medalha de prata e em 1902 o tão ambicionado prêmio de viagem à Europa. Em 1908, conquistava, finalmente, a medalha de ouro.

Além de pintor, foi Eugênio Latour um bom gravador a madeira e metal. Faleceu no Rio de Janeiro a 2 de outubro de 1942.

L. M. C.

43 BIANCA 0,77 x 0,53 (a) d — Firenze 1912

LUCILIO DE ALBUQUERQUE (1877-1939)

Trabalhou todos os gêneros. Principia pela figura, pelo nu, a que deu o melhor de seu talento e que lhe abriu as portas da Pinacoteca; passa pela história e pelo retrato, para terminar na paisagem que lhe absorveu os últimos anos de existência. Um procurador constante, apresenta uma transmutação completa em vinte anos de pintura, fato bastante visível nos dois quadros em exposição.

Seu estilo se transforma à medida que mais se dedica à paisagem. Ao Lucílio de um desenho firme, seguro nos seus esboços um tanto audaciosos, ao Lucílio das figuras de um relevo escultural em que tão bem são marcados os planos, opõe-se o Lucílio exclusivamente colorista. A pincelada se liberta e é lançada na tela sem peias, passando a forma a ser obtida pelas massas que se completam ou que se opõem. A procura da luminosidade, que já se notava desde 1911 com o magnífico «Despertar de Ícaro», se acentua em seu último período com suas paisagens ensolaradas.

As belas enseadas de Niterói parecem ter seduzido o artista, desviando-o da meta que trilhava. De 1918, 19 e 20 temos suas primeiras paisagens, tôdas do outro lado da Guanabara. Seguem-se as vistas da Bahia (1925), de Pôrto Alegre (1929-30), de São Paulo (1931, 35 e 36) e das cidades históricas de Minas Gerais (1932 e 34), sem contar as do Rio que fazia em tôdas as épocas, nos intervalos de suas inúmeras viagens.

Graças à dedicação de sua espôsa, a pintora D. Georgina de Albuquerque, sua obra está reunida no Museu que lhe deu o nome.

Nasceu Lucílio de Albuquerque em Barras, Piauí, a 9 de maio de 1877. Em 1896 ingressa na Escola Nacional de Belas Artes, a princípio como aluno livre, depois como matriculado. Em 1906 conquista o Prêmio de Viagem à Europa. Estuda em Paris na Academia Julien com Marcel Baschet e Henri Royet, e em 1911 compõe os vitrais para o Pavilhão Brasileiro na Exposição Internacional de Turim. De volta ao Brasil, é nomeado professor de desenho da Escola Nacional de Belas Artes da qual seria mais tarde Diretor.

No Salão Nacional do Rio de Janeiro conquista gradativamente as medalhas de prata (1907), a pequena e a grande de ouro (1912 e 1916) e a de Honra (1920). Em 1921 decora o teto dos dois Salões do Conselho Municipal do D.F. Depois de ter exposto nos maiores centros do país e em cidades estrangeiras, falece no Rio de Janeiro a 19 de abril de 1939.

L. M. C.

44 SONO 0,81 x 1,00 (a) d — Paris 1910

45 GAVEA GOLF 0,76 x 1,20 (a) s/d

HELIOS ARISTIDES SEELINGER (1878)

Helios é uma personalidade ímpar em nossa arte. Não só o homem como o pintor. Espírito boêmio, folgazão, humorista, não envelheceu. Vive a nossa vida intensamente, mas tem uma vida própria também, só sua, em meio a fantasias de luz e côr, de mares bravios, de figuras grotescas, de animais de fábula. E é nessa dualidade que se caracteriza a sua arte.

É um decorador de imaginação simbolista. A visão policrômica, enriquecida por seu instinto colorista, manifesta-se numa gama em que as tonalidades pastel predominam, exaltadas aqui e ali por um toque vivo de vermelho ou azul que revolucionam tôda a composição.

Foi o decorador do Clube Naval no Rio de Janeiro. O fundo do mar é representado numa linguagem que confirma sua fantasia. As sombras são tênues, quase nulas. O colorido domina, num lirismo alegre, bizarro mas tranquilo.

É o único pintor simbolista que possuímos. Traindo sua origem germânica, tem-nos dado interpretações de temas abstratos em alegorias como «A ambição», «A época da máquina», etc. Vêzes há que Helios procura uma escala cromática mais quente. É quando focaliza aspectos de macumba ou do carnaval. O colorido, então, é sombrio como a alma dos que ali se acham entregues a um culto semi-religioso. O verde desaparece para dar lugar aos ocrês, vermelhos e amarelos — as notas vivas são as labaredas da fogueira sagrada ou as serpentinas que cruzam os ares. As figuras se contorcem em movimentos convulsos. O desenho forma a estrutura da composição desenho firme e vibrante. O mesmo se dá quando êle se mostra o crítico fino e sarcas que é: acusa então, um conhecimento profundo dos homens, equiparando-os aos animais, confundindo as suas existências. O desenho é absoluto, e a nota de côr só serve para acentuar o interesse de sua *charge*.

Nasceu Helios no Rio de Janeiro a 4 de agosto de 1878. Entrou para a Escola Nacional de Belas Artes em 1893 estudando com Henrique Bernardelli. Em 1897 segue para a Alemanha reunindo-se ao grupo sob orientação da escola de Frans Stuck. Regressando ao Brasil em 1901, traz forte influência simbólico-decorativa com humor. Em 1903 conquista no Salão o Prêmio de Viagem à Europa, estudando em Paris no atelier de J. P. Laurens.

Decora o Clube Naval em 1911. Obtem a medalha de ouro na Exposição Nacional de 1908, a grande medalha de prata no Salão de 1912 e a pequena de ouro no de...

Em 1951 conquista a Medalha de Honra.

L. M. C.

46 JANGADEIRO 0,69 x 0,68 (a) d — 1950

RODOLFO CHAMBELLAND (1879)

Pintor de gênero, Rodolfo Chambelland sabe imprimir em seus quadros um colorido quente e sugestivo.

Em muitas de suas composições, os personagens traduzem um temperamento vibrátil à luz e ao movimento. Essa vibração dá certa impressão de alegria na sua pintura. Os contrastes se equilibram sem afetar o conjunto.

Sua carreira artística tem rumo certo na escolha de mestres e escolas que melhor coadunem com seu temperamento.

Dando preferência à técnica do pointilismo, decorou a cúpula da sala de sessões da Câmara dos Deputados no Rio de Janeiro e esse trabalho é mais um reflexo de sua capacidade pictórica. O efeito produzido é dos mais agradáveis: certa leveza obtida por meio da divisão dos tons, provoca uma sensação fugidia em que a cobertura da sala parece ampliar-se e elevar-se.

Nasceu no Rio de Janeiro, em 1879. Estudou no Liceu de Artes e Ofícios e depois na Escola Nacional de Belas Artes com Zeferino da Costa e Amoedo.

Obteve o prêmio de viagem em 1904. Em Paris estudou na Academia Julien.

Foi encarregado da decoração do Pavilhão Brasileiro na Exposição de Turim, em 1911. Trabalhou em colaboração com seu irmão Carlos, no Pavilhão de Festas da Exposição do Centenário empregando nesse trabalho, a técnica divisionista tão própria a esse gênero de decoração.

Catedrático desde 1912, da aula de modelo vivo Rodolfo Chambelland tem sido professor exigente e dedicado.

R. M. R.

47 RETRATO DE SENHORA 1,61 x 1,10 (a) d — Paris 1908

MARIO VILLARES BARBOSA (1880-1917)

Pintor de gênero, de costumes e de figuras, iniciou sua carreira artística com o Prof. Oscar Pereira da Silva, porém depois partiu para a Europa aí ingressando como outros colegas brasileiros na Academia Julien de Paris onde estudou com Jules Lefevre, Robert Fleury e Marcel Baschet.

Era comum nos meados do século XIX as freqüentes viagens de artistas nacionais aos centros europeus. A diversidade de ambiente influenciava sobremodo os temas tratados mas em geral o ecletismo predominante era mais no assunto: pintura de gênero, de história, retratos, natureza morta, do que na forma.

Mário Villares Barbosa viajou pela Itália, Espanha e Portugal procurando aprender com os mestres antigos aquilo de que poderia tirar melhor proveito em seus próprios trabalhos.

De volta à Pátria realizou exposições com seu irmão gêmeo Dario.

Nasceu em Campinas, Estado de S. Paulo, em 1880. Fêz sua primeira exposição artística com 17 anos. Em companhia de seu irmão seguiu para Paris em 1901. Obteve medalha de prata no «Salon» de 1921 o que não é comum aos artistas estrangeiros.

O Governo do Estado de S. Paulo concedeu-lhe uma pensão para prosseguir seus aperfeiçoamentos artísticos em Paris.

Faleceu na Espanha em 1917.

R. M. R.

48 FAGADE BIGOUDÈNE 1,67 x 1,10 (a) s/d

ARTUR TIMOTEO DA COSTA (1882-1922)

De temperamento agitado, nem por isso deixou de concluir seu aprendizado artístico.

Iniciou sua carreira como cenógrafo trabalhando cinco anos com o italiano Orestes Colliva. Talvez se deva a êsse princípio a característica um tanto cenográfica de suas obras, uma certa ânsia em obter intensidade de efeitos, o que aliás conseguia.

A fim de aperfeiçoar seus estudos, entrou para a Escola Nacional de Belas Artes, sendo aí discípulo de Daniel Bérard.

Com o desenvolvimento de maiores conhecimentos técnicos abordou outros gêneros como o retrato e a paisagem, o que vem afirmar o escrúpulo com que trabalhava. Sua técnica então já era mais segura e sólida, com bom equilíbrio de tonalidades. Pintou muito a nossa paisagem com sabor impressionista.

Nasceu no Rio de Janeiro em 12 de novembro de 1882. Já em 1905 figurava no Salão Oficial com um nú: «Preguiçosa». Seguindo-se várias premiações até a tão cobiçada Viagem à Europa o que se efetivou em 1913. Durante sua permanência em Paris fez uma exposição de suas obras.

Em 1911 foi convidado para auxiliar os trabalhos de decoração do Pavilhão Brasileiro na Exposição de Turim.

Regressando ao Brasil, prosseguiu suas atividades realizando inclusive exposições individuais.

Faleceu, com seu irmão João, louco, no Hospício de Alienados, em 1923.

R. M. R.

49 AUTO-RETRATO 0,86 x 0,71 (a) d — Rio 919

MANOEL MADRUGA (1882-1951)

Sua produção artística lembra muito o meio em que viveu mais tempo: França. A tonalidade geral de seus quadros, reflete a luz dos países septentrionais, menos intensa que a dos trópicos. Nada impede que o colorido seja vibrante traduzindo a sensibilidade do artista ante o seu modelo.

A predileção de Madrugua pelo retrato e para as grandes composições prova quanto se dedicava à técnica pictórica sem receio das dificuldades a enfrentar. Foi por isso convidado a executar para o Pavilhão do Brasil na Exposição de Turim, um grande painel — «O Brasil oferecendo seus produtos ao mundo».

Sua formação estrangeira em nada impediu que de volta ao Brasil, já artista feito e conhecido em Paris, abordasse temas nacionais em paisagens e composições históricas. Já aí se nota sua sensibilidade aguçada em busca da maior fidelidade à luz ambiente, ao colorido mais intenso de nossa terra.

Viveu pintando e somente nos últimos meses de vida a doença pertinaz o obrigou a abandonar os pincéis.

Nasceu em Teresópolis a 20 de setembro de 1882, iniciando seus estudos na Escola Nacional de Belas Artes, mas cedo partiu para a França, fixando residência em Paris. Nessa cidade frequentou a Academia Julien e o atelier de Marcel Baschet.

Na "Société des Artistes Français" expôs os retratos de Coquelin Aîné e M. Adolphe Carnot.

Obteve no Salão Oficial de 1908, do Rio de Janeiro, a medalha de ouro.

Voltou da Europa definitivamente em 1940. Entre seus últimos trabalhos citamos a decoração para o novo Palácio do Ministério da Guerra que se encontra no Clube Militar e que representa «O Grito do Ipiranga».

Faleceu no Rio de Janeiro, em 1951.

R. M. R.

50 LEITURA SANTA 0,61 x 0,41 (a) s/d

CARLOS OSWALD (1882)

Nascido em ambiente artístico, pois que é filho do maestro Henrique Oswald, sua sensibilidade fina e delicada aí se aprimorou. De temperamento místico tem acentuado pendor para os temas religiosos. Sua produção artística nesse setor é imensa. Não se cansa de reproduzir cenas do Antigo e Novo Testamento, sendo bastante conhecida a sua «Ceia» da qual vemos sempre reproduções nos lares católicos.

Também aborda com facilidade os retratos e as paisagens e principalmente as flores. As tonalidades claras preferidas pelo artista, prestam-se bem ao gênero de sua pintura e temas de predileção.

Carlos Oswald divide suas atividades artísticas entre a pintura e a gravura. Água-fortista de mérito, vem, há muitos anos, no Liceu de Artes e Ofícios, formando uma plêiade de discípulos nesse campo da arte. Conhecendo bem o *metier* aborda todas as técnicas da gravura porém mais especialmente a água-forte. Executou recentemente uma Via Sacra de concepção simplista em que apenas figuram os personagens marcantes de cada uma das «Estações». A reprodução desta, em pintura, figura atualmente na Matriz de Santa Teresa.

Nasceu o artista no Rio de Janeiro, em 1882. Desde menino foi para Florença onde trabalhou com Eduardo Gelli matriculando-se mais tarde na Escola de Belas Artes daquela cidade. Também estudou na Alemanha. Aí aprendeu a técnica da água-forte. Já artista formado adquiriu prática trabalhando em Paris em seu próprio atelier.

As suas obras são muito reproduzidas na Europa por intermédio da casa Stehli Frères de Zurich.

É o autor dos painéis decorativos do Panteão dos Imperadores do Brasil na Catedral de Petrópolis.

1º Presidente e atual Vice-Presidente da Sociedade Brasileira de Arte Cristã, entidade que se dedica especialmente à arte sacra contemporânea.

R. M. R.

51. SUPREMO ESFORÇO 1,26 x 1,26 (a) d — 1909

PEDRO BRUNO (1884-1949)

De tal forma ligou-se a Paquetá, onde nasceu e viveu, que falar em Pedro Bruno é evocar imediatamente a ilha que êle tanto defendeu e amou.

Como pintor, não houve recanto que lhe escapasse os olhos de apaixonado. Mas Pedro Bruno não era um paisagista, como Baptista da Costa e Parreiras, e nem mesmo um marinista como Castagneto. Sua admiração fêrvida pela ilha não excluía a forma humana, a mulher de preferência. Tendo-a como modelo naquelas praias tão suas, criou um temário próprio, um poema de exaltação à Natureza nas suas formas mais significativas e misteriosas — o mar e a mulher, pôsto que à criança reservasse um carinho também especial.

Sua fatura é larga, pastosa e bem compreendida. O modelado, pouco realista, se afasta das formas definidas. O colorido geralmente sobrepuja o desenho: claro, de tonalidades pastel, avivado por um azul mais intenso ou rosa mais carregado, traduz em certa época uma alegria sã, uma despreocupação feliz. Inspiraram-no os dias maravilhosamente belos de Paquetá.

Com o correr dos anos, porém, sua palheta se ensombra — apresenta uma escala de cores frias, tristes mesmos, em que o cinza

desempenha papel saliente. O modelado passa a ser quase indistinto, como se uma névoa permanente envolvesse-lhe a pintura, acentuando-lhe o ar *flou* de fragilidade e dando-lhe uma nota de melancolia. Os brancos, que em todos os tempos exerceram verdadeira fascinação em sua arte, se amortecem também, tomando uma forma diferente de seu período anterior.

Nasceu Pedro Bruno a 14 de outubro de 1884, na ilha de Paquetá, Rio de Janeiro. Estudou canto na Itália, por um ano (1905-1906) e regressando ao Brasil dedicou-se à carreira de pintor, em contato com o artista italiano Eschettino.

Depois de estudar com Baptista da Costa, obteve a pequena e a grande medalha de prata nos Salões Oficiais, conquistando em 1919 o prêmio de viagem à Europa. Em Roma frequentou a British Academy of Arts. De volta a seu país conquistou sucessivamente tôdas as demais premiações no Salão, culminando em 1943 com a medalha de Honra. Faleceu, no Rio de Janeiro em 1949, tendo sido enterrado em Paquetá, de onde foi por longos anos o animador e defensor de sua natureza.

L. M. C.

52 SIMBOLO DAS PRAIAS 1,35 x 0,80 (a) d — 1923

CARLOS CHAMBELLAND (1884-1950)

Temperamento modesto, sem demasiadas ambições, amante de seus discípulos, aos quais dedicou a maior parte de sua existência como professor, Carlos Chambelland deixou uma bagagem artística não muito numerosa mas de boa qualidade.

Sua pintura a princípio desenvolvida nos moldes de seus velhos mestres, modificou-se depois para tomar uma feição mais liberta, com tendências impressionistas. Usava em sua palheta de preferência os amarelos de cadium, o ocre, os violetas nas carnações. Sua pincelada é cheia nas luzes, diluída nas sombras, as linhas limites envolvidas para melhor relêvo dos pontos luminosos. Sente-se em seus nus que a anatomia é bem estudada, os planos bem definidos. Aliás é a figura sempre o motivo de sua predileção. Embora fizesse a paisagem, a natureza morta e flores com bastante sentimento, sente-se que a figura humana é o seu ponto mais alto.

Com muita emoção e sensibilidade pintava o retrato, procurando com tôda intensidade de seu espírito o carácter e o fundo psicológico do retratado.

Seus desenhos a carvão, êle os realizava não no sentido linear mas procurando dar a forma, por meio das massas e no gênero obteve resultados magníficos.

Nascido no Rio de Janeiro a 18 de março de 1884, fêz seus estudos na Escola Nacional de Belas Artes com Zeferino da Costa e Rodolpho Amoedo. Conquistou o Prêmio de Viagem à Europa em 1907, seguindo para Paris, onde foi aluno de Puvis de Chavannes. Voltando ao Brasil, fixou-se durante três anos em Recife a fim de executar várias encomendas. Em 1910 retornou à Europa para executar juntamente com seu irmão Rodolpho a decoração do Pavilhão Brasileiro na Exposição Internacional de Turim. Em 1913 obteve a Grande Medalha de Prata e em 1922 e 1923 a Pequena e Grande Medalha de Ouro. Fêz decorações nos seguintes estabelecimentos públicos e igrejas: Câmara dos Deputados, Conselho Municipal do Distrito Federal, Igreja das Graças e Colégio da Estância, no Recife.

Faleceu no Rio de Janeiro a 18 de junho de 1950.

L. M. C.

53 *INTERIOR DE ATELIER* 0,76 x 1,04 (a) d — Paris 1909

PRESCILIANO SILVA (1883-)

Quem falar da Bahia, referindo-se às suas ricas igrejas, tem forçosamente de mencionar o nome de Presciliano Silva, considerado entre os pintores o maior de seus intérpretes. Seus motivos, de preferência interiores de templos, capelas e sacristias, claustros e corredores de conventos transmitem a quem os observa um sentimento repousante de paz e misticismo. Ninguém melhor do que êle consegue pintar êstes recantos silenciosos à meia luz, onde geralmente por uma porta entreaberta, uma janela ou lanternim escoar-se medrosa a luz tênue de um raio de sol. Ou então, em frente a um altar, tipicamente barroco, iluminado por círios, vê-se um monge entregue ao recolhimento da oração. Dominam nesta penumbra os tons azulados, as vêzes acentuados pelos painéis de azulejos; e mesmo o ouro das molduras e dos altares ricos e profusos, são interpretados num grau de intensidade justo no seu valor, porém sem alarde. Tal qual o seu autor, a sua obra é discreta sem ser triste, parada sem ser morta, porque Presciliano é uma personalidade comunicativa, afável, carinhosa e sensível. O meio e o ambiente de

sua cidade devem ter contribuído enormemente para a escolha destes motivos religiosos.

Não fôsse a Bahia a terra das igrejas em profusão, cada qual com detalhes os mais interessantes! Porém essa tendência para pintar interiores, sente-se que já vem de longe. Confirmam esta observação algumas de suas obras, feitas na Bretanha entre 1905-1907, quando lá esteve em gôzo de prêmio de Viagem, dado pelo governo de seu Estado. As suas figuras e retratos são também feitos numa gama de cores discretas e sempre agradáveis.

Nasceu em Salvador, Bahia a 17 de maio de 1883. Fêz o curso na Escola de Belas Artes e no Liceu da Bahia, tendo sido aluno particular de Manoel Lopes Rodrigues. Em 1905 conquistando o Prêmio de Viagem seguiu para a Europa e em Paris estudou na Academie Julien. Viajou depois pela Bretanha demorando-se em Concarneau-Finistère, onde executou várias telas de tipos e costumes locais. De volta ao Brasil fêz algumas exposições na Bahia e Rio, onde permaneceu durante três anos. Expositor de vários Salons de Paris e do Salão Nacional de Belas Artes, onde conquistou Medalha de Ouro e Honra.

R. L. L.

54 INTERIOR BRETAO 1,15 x 0,91 (a) d — 1908

GEORGINA DE ALBUQUERQUE (1885-)

Se examinarmos a obra de Georgina de Albuquerque desde sua primeira fase até a época atual, veremos que a artista em todos os fecundos anos de sua carreira nunca estacionou. Sua arte é uma renovação constante de maneiras, motivos e coloridos, sempre recebendo os impulsos da época, vibrante de cor, com pinceladas ousadas e decididas. Quanto aos assuntos não se pode dizer que haja uma preferência marcante. A paisagem, a figura, a natureza morta, a marinha, o retrato e as composições são por ela abordados com entusiasmo, transparecendo em tôdas as mais variadas facetas de seu talento. A figura ao ar livre, tema geralmente difícil pelas sutilezas de colorido, é bem compreendida, tratada com desenvoltura, em tonalidades rosadas sobre fundos claros ou esverdeados. As paisagens, de cortes interessantes, as vêzes são animadas com figura ou animais atrelados em «Charretes» ou «trolinhos», os quais dão às mesmas uma nota de vida e alegria.

Georgina de Albuquerque nasceu a 4 de fevereiro de 1885, na cidade de Taubaté, Estado de São Paulo. Fêz seus estudos na Escola Nacional de Belas Artes com o Professor Henrique Bernardelli. Em 1906 casou-se com o pintor Lucilio de Albuquerque e como este conquistasse o prêmio de viagem à Europa, seguiu a jovem em sua companhia para a Europa, a fim de aperfeiçoar-se. Em Paris estudou na Escola de Belas Artes e na Academia Julien com os mestres Paul Gervais, Quetin, Miller e Duchenu. Concorrente aos Salões Oficiais, foi premiada com a pequena e grande medalha de Prata e a pequena medalha de ouro em 1919. É professora catedrática da Escola Nacional de Belas Artes e atualmente exerce o cargo de Diretor do mesmo estabelecimento.

R. L. L.

55 *RAIO DE SOL* 0,98 x 0,78 (a) s/d

REGINA VEIGA

A obra desta artista destaca-se pela variedade de motivos, bom gosto e vigor com que é tratada. Seus primeiros quadros ainda apresentam fundos com tonalidades escuras mas depois, com a influência européia que recebeu a artista estudando em Paris e Munich, tornam-se mais claros e variados. Deve-se assinalar sobretudo seus constantes progressos quanto à interpretação da cor. Regina Veiga está sempre estudando e produzindo coisas novas. Últimamente tem feito várias aquarelas, desenhos e guaches sobre tipos e cenas de rua, característicos das cidades por onde tem viajado. Reproduzem fatos como as festas da Penha, procissões, mercados, o carnaval com seus cordões de mascarados, macumbas, candomblés da Bahia, etc., todos de grande interesse artístico e documentário.

Foi discípula de Rodolpho Amoedo e estreou no Salão Nacional de Belas Artes em 1907. Mais tarde seguindo para a Europa estudou com vários mestres em Paris e Munich. De volta ao Brasil, concorreu várias vezes ao Salão onde foi premiada com a pequena medalha de prata em 1917 e a grande medalha de ouro em 1918.

R. L. L.

56 *AUTO RETRATO* 0,61 x 0,50 (a) d — 1941

LEOPOLDO GOTUZZO (1887)

É um pintor cuja obra se estende por todos os gêneros com homogeneidade, equilíbrio e solidez de modo que é impossível determinar-se qual a sua especialidade. Sua fatura é larga e rica de pasta, com grande variedade de matizes. Nas suas composições, sentimos que o artista tem uma elegância natural na escolha e disposição dos objetos, das frutas e das flores, sendo que nestas é de veras interessante o seu senso colorístico.

Na prática dos nus Gotuzzo dá preferência às mulheres esbeltas, em atitudes graciosas, ora sentadas ou reclinadas sobre ricos planejamentos que se harmonizam com a carnção.

Na paisagem também se destaca conseguindo transmitir-lhe muito ar e luminosidade.

Além de hábil pintor é também Leopoldo Gotuzzo exímio desenhista, conseguindo com os seus retratos de jovens e crianças, feitos à crayon, um lugar proeminente entre os cultores desse gênero.

Nascido a 8 de abril de 1887 na cidade de Pelotas, aí estudou com Frederico Trebbi e em Roma com Joseph Noël. Em 1915 seguiu para Madrid e de lá fez o seu primeiro envio para o Salão Nacional de Belas Artes, ganhando uma menção honrosa, nos anos consecutivos conquistou a medalha de bronze e a de prata. Em 1917 foi para a França permanecendo em Paris algum tempo e em seguida nos Pirineus Orientais, onde muito trabalhou.

Regressando ao Brasil, foi contemplado no Salão de 1922 com a medalha de ouro.

Em 1927 embarcou novamente para a Europa, visitando desta vez Portugal de onde só regressou após três anos.

Tem realizado várias exposições e concorrido a diversos Salões de Belas Artes, entre eles o Paulista, o Carioca, o Fluminense e o Riograndense, com merecido sucesso.

L. M. C.

57 NU DE COSTAS 0,75 x 0,74 (a) d — Rio 1934

ANGELINA AGOSTINI (1888)

Eis uma artista que tendo iniciado brilhantemente sua carreira e alcançado sucesso, abandonou-a inteiramente para dedicar-se a outros misteres, quando ainda muito prometia.

Sua obra é pequena, porém com ótimas qualidades, mostrando um desenho certo, gracioso e uma fatura cheia, mas sem exagero. Nas suas figuras o rosto é tratado de maneira diferente, com pasta mais fluida e certos acabamentos em *glacis*. Nota-se tonalidade quente na carnação, muito harmonioso junto às sombras que se esbatem, ligando-se à coloração do fundo. Os cabelos são feitos com leveza, apresentando pinceladas mais espessas nos pontos luminosos.

Há em suas obras uma atmosfera que se espalha por toda a tela, envolvendo as figuras, os planejamentos, os objetos e formando um todo perfeitamente equilibrado em seus valores.

Pintou figuras, paisagens; quadros de gêneros e alguns assuntos inspirados na guerra de 1914 que lhe valeram referências muito elogiosas.

Filha de Ângelo Agostini, conhecido pintor e caricaturista famoso, nasceu no Rio de Janeiro a 6 de abril de 1888. Em 1906 entrou para a Escola Nacional de Belas Artes tendo por professores João Baptista da Costa, Zeferino da Costa e Eliseu Visconti. Em 1911 passou a freqüentar o atelier de Henrique Bernardelli, com quem continuou seus estudos de pintura. Em 1911 obteve no Salão uma menção honrosa de 1º grau. Em 1912 a medalha de prata e em 1913 o prêmio de viagem à Europa. Em 1914, quando foi declarada a grande guerra encontrava-se em Londres e, desde então, passou a dividir seu tempo entre a arte e os trabalhos voluntários da Cruz Vermelha.

Expôs na Inglaterra no Salão da Royal Academy of Arts, na Society of Women Artists, no Imperial War Museum e na Huddersfield Gallery; em Paris concorreu ao Salon da Société Nationale des Beaux Arts, Salon de l'Amerique Latine, Salon des Tuilleries, e em outros mais.

R. L. L.

58 VAIDADE 0,79 x 0,74 (a) d—1913

PAULO DO VALLE JUNIOR (1889)

Artista de mérito, tem-se dedicado a paisagem. Sua fatura é larga e cheia, feita com empastamentos à espátula nas zonas iluminadas. A cor geralmente alegre, demonstra bastante sensibilidade na maneira de combinar os tons das luzes com as sombras, cujos

suaves violetas dão as suas telas a impressão de bastante atmosfera. Também muito pessoal é o seu modo de fazer as árvores e vegetação rasteira, quase que apenas indicando-as, sem deter-se em detalhes ou minúcias.

Nasceu em Pirassununga, Estado de São Paulo, a 2 de julho de 1889. Discípulo de Oscar Pereira da Silva, no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo. Prêmio de Viagem à Europa pelo Governo do Estado, esteve em Paris onde aperfeiçoou-se com G. P. Laurens, H. Roger e Manoel Bachet, na Academie Julien. Medalha de bronze e de prata no Salão Nacional de Belas Artes, 1º prêmio Prefeitura de S. Paulo e Grande Medalha de ouro, 1938, no Salão Paulista.

R. L. L.

59 FAZENDA DO ENGENHO D'AGUA 0,73 x 1,00 (a) d — 1938

HENRIQUE CAVALLEIRO (1894)

É das figuras de maior interesse da pintura contemporânea brasileira. Sua arte sóbria manifesta um temperamento de pesquisador sob o controle da maturidade.

Teve sua experiência impressionista quando em gozo de seu prêmio de viagem à Europa, da Escola Nacional de Belas Artes, de 1919-1924. Mostrou então preferência pela técnica divisionista e por sua aplicação na figura humana. Ao voltar ao Brasil já ultrapassara essa fase e se apresentava francamente port-impressionista. A forma se reestruturara, porém, com uma ousadia de cor e um desembaraço que só a pesquisa anterior podia ter permitido. Data dessa época «Mimi, o modelo», que ora expomos. As características dessa tela já marcam a forte personalidade artística de Cavalleiro.

Acentua sua pesquisa plástica com o passar dos anos. Um contato assíduo com a arte decorativa e os estudos que fez a respeito levam-no a juntar à sua obra mais esse característico, notadamente nas paisagens.

Teresópolis invade suas telas. Aí fixa o azul luminoso de seus céus, as pesadas nuvens brancas que recobrem seus picos, as montanhas violetas que a circundam, o casario amarelo que lhe está nas faldas, e envolvendo tudo o ar finíssimo das serras. A magnitude da natureza Cavalleiro não-lo dá a entender.

É no gênero do retrato que o artista está, verdadeiramente, em seu campo de «procura». Assistimo-lo em sua busca, passando do decorativo ao sólido e, afinal, do sólido ao plástico. Essas conquistas representam uma luta de anos consecutivos para o pintor sério e consciencioso. Em uma fatura larga, a pasta saborosa, a pincelada livre e precisa, o modelado é bem obtido. Está o artista pronto para realizações da maior importância.

Nasceu Henrique Cavalleiro no Rio de Janeiro a 15 de março de 1894. Fêz seus estudos na Escola Nacional de Belas Artes com Berard, Visconti e Zeferino da Costa, obtendo no Salão Nacional, aluno ainda, as medalhas de bronze, pequena e grande de prata. Em 1918 conquista pela Escola o Prêmio de Viagem à Europa, sendo, em Paris, orientado por Visconti.

Já expositor na Europa, de volta ao Brasil em 1925 expõe no Rio e em São Paulo, conquistando no Salão Nacional de 1926 a medalha de ouro. Retorna à Europa em 1930 para um estudo especializado de arte decorativa e ilustração.

Cavalleiro vem lecionando na Escola Nacional de Belas Artes desde 1932, e conta ainda com a grande medalha de prata do Salão Paulista de 1949 e a medalha de ouro do Salão Fluminense de 1950.

L. M. C.

60 *MIMI, O MODELO* 0,85 x 0,65 (a)

ALBERTO DA VEIGA GUIGNARD (1896)

É dos nomes mais acatados da arte moderna. Pintor eclético, vêmo-lo fazendo paisagens, composições, retratos simples ou em grupos, em busto ou corpo inteiro. Sua obra traduz um grande sentido poético, uma ciência de enfrentar a vida com bom humor, entusiasmo e consciência.

Um desenhista fino e perspicaz, Guignard apresentou uma fase de um lineirismo absoluto. Não seria demais emprestar a seus quadros a classificação de desenhos coloridos.

Buscava, então, dar um cunho primitivo à sua arte, desenhando, com uma ingenuidade proposital, vistas de morros, as favelas com suas igrejinhas toscas, crianças rústicas em seu viver livre. Vêzes havia, no entanto, que punha de lado êsse primitivismo para

fixar paisagens em traços tão sensíveis que patenteavam o mestre do desenho que êle o era.

Procurou Guignard posteriormente dar um cunho mais plástico à sua pintura. Encontramo-lo manejando as tintas com o ardor de que é capaz quando se apaixona — em pinceladas largas, audaciosas, violentas de côr e de fatura, projeta nos retratos que executa a vibração de que se acha possuído. Deforma na pesquisa expressiva, mas é profundamente sincero no que realiza.

Está o pintor agora no apogeu de sua carreira. Domiciliado em Belo Horizonte, afastado da interferência um tanto dispersiva de um grande centro artístico onde a troca de impressões sôbre arte nem sempre é construtiva, Guignard plasmou verdadeiramente uma pintura sólida. Simplificou sua técnica, acalmou seu pincel afoito e trouxe de novo à tona o seu conhecimento do desenho na marcação precisa da forma. Quer em seus belos aspectos das montanhas de Minas Gerais, quer nos bons retratos que nos apresenta ultimamente, temos o mesmo sentimento de calma, sobriedade, monumentalidade, a estrutura bem definida no espaço.

Nasceu Alberto Guignard em Nova Friburgo, Estado do Rio, a 25 de fevereiro de 1896. Fêz seus estudos de arte na Academia Real de Munich, Alemanha, estagiando em seguida em Florença e Paris. Retornando ao Brasil em 1929 obteve no Salão Nacional dêsse ano a medalha de bronze e no de 1939 a de prata. Em 1940 conquista o Prêmio de Viagem pelo país pela Divisão Moderna, em 1942 a medalha de ouro e em 1951 a medalha de Honra.

Já participou de exposições em Veneza, Paris, Estados Unidos, Buenos Aires. Lecionou na extinta Universidade do Distrito Federal, na «Fundação Osório» do Rio de Janeiro, exercendo presentemente o professorado na Escola de Belas Artes de Belo Horizonte.

L. M. C.

61 JARDIM BOTANICO

MANOEL SANTIAGO (1897)

Artista de destaque na pintura contemporânea, Manoel Santiago tem se mostrado um interessante pintor de figuras e paisagens.

Seus nus geralmente revelam os atrativos da mulher em sua plenitude, com formas bem marcadas e definidas onde a anatomia feminina é estudada e bem resolvida.

Nas paisagens, sempre de aspectos os mais variados, sobressaem certos tons cinza prateados muito peculiares ao artista e que harmoniosamente se combinam com os demais.

As figuras em grupos a animarem as suas telas estão integrados no seu ambiente e dão expressão ao conjunto.

Nasceu a 25 de março de 1897 em Manaus, Amazonas. Vindo para o Rio de Janeiro, estudou na Escola Nacional de Belas Artes e ainda particularmente com o professor Visconti. Conquistou o Prêmio de Viagem à Europa em 1927 no Salão Nacional de Belas Artes onde obteve entre outras premiações e medalha de ouro e a de Honra, em 1948. Na Europa onde já esteve diversas vezes, expôs nos principais Salões de Belas Artes de Paris.

Pintou as decorações murais do Instituto do Alcool e Açúcar e a da Alfândega do Rio de Janeiro.

R. L. L.

62 AUTO-RETRATO 0,76 x 0,59 (a) d — Rio 1938

HAYDEÁ SANTIAGO

Dentre nossas pintoras contemporâneas Haydêa Santiago é das mais interessantes. Sua pintura é viva, alegre, espontânea, variada em temas, amante das composições movimentadas.

Não se subtrae à dificuldade de lançar em tela um conjunto de muitas figuras. Sua fatura larga e rápida o permite. Com extrema vivacidade focaliza momentos de grande animação infantil, tais como a hora de recreio, o parque de diversões, etc. Fazendo uso de uma pasta fluida para encher o fundo, modela as figuras com muita simplicidade e graça, com toques de luz que vivificam o todo, seja na blusa, na saia, no chapeusinho, numa gola, ou toques de cores vivas que movimentam a cena, em contraste com as árvores manchadas largamente.

Assim como Visconti, de quem sofreu forte influência, encontra em Teresópolis o ambiente que satisfaz à sua pintura impressionista. A atmosfera leve, fresca, inunda suas telas, em que o azul-

cinza é a dominante e o vermelho, branco e rosa formam as notas coloridas.

Bem que sua palheta seja bastante aproximada da de seu marido, o artista Manoel Santiago, ambos se diferenciam consideravelmente no que se refere ao sentido de sua pintura. Haydêa trabalha um quadro quase em superfície, dando ao 1º plano o significado de sua arte; Manoel Santiago trabalha em profundidade, comprazendo-se no distanciar da perspectiva quase até se perder nas brumas. Dai Haydêa sentir a paisagem como fundo de suas telas e Manoel Santiago como finalidade.

Trabalha outros gêneros, como o retrato, cenas de interior, natureza-morta. Mostra uma visão mais propensa à côr do que à linha, ao conjunto do que ao detalhe.

Nasceu Haydêa Santiago no Estado do Rio. Estudou na Escola Nacional de Belas Artes como aluna livre, discípula de Brocos e de Amoedo. Mais tarde estudou particularmente com Visconti que bastante lhe influenciou.

Depois de obter no Salão Nacional as medalhas de bronze (1825) pequena e grande de prata (1926 e 1927), partiu para a Europa com o marido, Manoel Santiago. Em Paris estudou e expôs, tendo ainda participado de certames na América do Norte e na Argentina. Possui ainda a medalha de ouro do Salão Nacional (1934), de prata do Salão Paulista e a de Honra do Salão do Rio Grande do Sul.

L. M. C.

63 RETRATO DE SENHORA 0,61 x 0,53 (a) d — 1935

JOÃO FAHRION (1898)

João Fahrion é um dos artistas mais interessantes que nos deu o Rio Grande do Sul. Dedicando-se ao retrato, à composição com figuras e à paisagem, a sua obra deixa transparecer logo de início o seu acentuado conhecimento do desenho; a esta qualidade primordial, aliam-se a sua compreensão da beleza da forma interpretada em linhas simples e harmoniosas e a sua sensibilidade de colorido. Em questão de técnica, tem empregado o óleo, a aquarela e a têmpera com sucesso e ultimamente a ilustração (litografias e águas-fortes) vem ocupando a sua atenção.

Nasceu em Pôrto Alegre, Rio Grande do Sul, a 4 de outubro de 1898. Subvencionado pelo govêrno do Rio Grande do Sul, em 1920 seguiu para a Europa onde permaneceu em Amsterdam, Munich e Berlim até fins de 1922.

Obteve no Salão Nacional de Belas Artes, as medalhas de bronze e prata (1922 e 1924). No Salão Sul Riograndense de 1940, a medalha de ouro. Expôs individualmente em Pôrto Alegre, Rio de Janeiro, Rio Grande e Pelotas. Possui trabalhos no Museu Nacional de Belas Artes, Instituto de Belas Artes de Pôrto Alegre e diversas galerias particulares.

R. L. L.

64 INTERIOR COM FIGURAS 0,75 x 0,59 (a) d — Rio 1938.

MANOEL CONSTANTINO GOMES RIBEIRO (1899)

Sincero consigo mesmo, sincero com sua arte, segue Manoel Constantino o rumo de sua carreira artística, sereno, cõscio de seu valor, mas sem alarde. Alheio às dissidências artísticas dos tempos atuais e fiel à sua tendência e ao gênero que escolheu cada vez mais se firma porém sempre preocupado em produzir algo de melhor em cada nova composição.

Buscou na «natureza morta» o tema de sua predileção. Joga com os objetos de uso caseiro, com as frutas, os alimentos, os utensílios, de maneira nobre, fazendo ressaltar os valores dentro de uma tonalidade quente na gama dos ocre e terra de Sienna. Suas composições são bem estudadas em busca de um perfeito equilíbrio de massas, planos e valores. Não se preocupa com o efeito produzido, antes busca uma satisfação íntima em produzir aquilo que viu e lhe impressionou.

Além da natureza morta, aborda outros gêneros como o retrato, o nu e nesse particular grande é o número de suas obras.

Intransigente com sua maneira de ver, de personalidade artística muito pessoal, seus quadros já adquiriram certa feitura que os tornam inconfundíveis.

Nasceu a 15 de agosto de 1899, em Baependy, Estado de Minas Gerais. Na Escola Nacional de Belas Artes foi aluno de Baptista da Costa, Rodolpho Chambelland e Arquimedes Memória. Estu-

dou arquitetura por insistência de seu pai, porém a pintura foi sempre a sua verdadeira vocação.

Obteve tôdas as premiações conferidas nos Salões Oficiais até o Prêmio de Viagem à Europa em 1938.

A 2ª Guerra Mundial prejudicou o gozo de seu prêmio que teve de ser interrompido.

No corrente ano seguiu para a Europa no prosseguimento do mesmo.

Por concurso, foi nomeado Conservador do Museu Nacional de Belas Artes onde exerce suas funções.

R. M. R.

65 *BROA DE MILHO* 0,74 x 0,96 (a) d — 1943

EUGENIO DE PROENÇA SIGAUD (1899)

Diplomando-se engenheiro-arquiteto pela Escola de Belas Artes, Sigaud especializou-se na pintura de assuntos obreiros, particularmente sobre operários da indústria civil. Trata com muita propriedade o tema de sua predileção com riqueza de tonalidades e precisão de detalhes.

Além dêsse gênero, vem executando decorações murais de assunto social e religioso para interiores de Igrejas e Repartições. É o autor da decoração do Salão Nobre do Sindicato dos Despachantes da Alfândega do Rio; da Catedral da cidade de Jacarezinho no Paraná e os vitrais para a Igreja de S. Jorge no Rio de Janeiro.

Nasceu no Estado do Rio a 2 de julho de 1899. Passou sua infância em Belo Horizonte. Com 21 anos, diplomado engenheiro, veio para o Rio de Janeiro a fim de dedicar-se exclusivamente à pintura.

Na Escola Nacional de Belas Artes foi discípulo de Modesto Brocos.

Figura sempre nos Salões Oficiais, na Seção Moderna, da qual por várias vezes tem sido membro de júri.

É artista *hors-concours*.

Seus quadros figuram em galerias estrangeiras como o Museu de Moçambique e na «Universidade Obreira» do México.

R. M. R.

66 *ACIDENTE DE TRABALHO* 1,33 x 0,95 (a) d — 1944

CAMARGO FREIRE

Camargo Freire é um artista moço que muito tem realizado no campo da paisagem. Morador há vários anos em Campos de Jordão (S. Paulo) tem tido como cenário um dos mais belos trechos de nossa terra. Como pintor de paisagem parece que Camargo Freire soube compreendê-la bem, pois tem-nos dado ótimas telas representando vales e montanhas em sucessivos planos com muita realidade. Na sua simplicidade de fatura, ele revela-se também um sensível colorista onde o verde queimado é a cor dominante. As vezes o artista procura animar suas obras com figuras, inspirando-se nos tipos das redondezas e nas suas ocupações corriqueiras. Mas sente-se que o ponto alto, o que mais lhe toca fundo na alma é a interpretação da nossa natureza.

Pintor contemporâneo nascido no século XX.

Estudou no Liceu de Artes e Ofícios e no Núcleo Bernardelli. Conquistou medalha de bronze, de prata e Prêmio de Viagem ao País no Salão Nacional de Belas Artes.

R. L. L.

67 ALTO DO LAGEADO 0,93 x 0,65 (a) s/d

EMIDIO MAGALHÃES

Aliada a uma técnica livre e espontânea, este jovem possui ainda um colorido vibrante e um desenho seguro que muito o evidenciam. Suas paisagens em tons fortes, representando aspectos da Bahia, sua terra natal, são trechos vivos da nossa natureza. Através da pincelada larga e cheia, o artista revela-se um esplêndido observador, cheio de emotividade e sentimento.

Seus retratos possuem carácter, simplicidade de fatura, cores limpas e espontaneidade. Ultimamente tem se dedicado à representação de tipos populares e no último Salão (1951) expôs, nesse gênero, um trabalho que despertou merecida atenção, concorrendo com o mesmo ao Prêmio de Viagem à Europa.

Pintor contemporâneo nascido na Bahia no princípio do século XX. Foi aluno de Presciliano Silva. Premiado com medalha de bronze e prata no Salão Nacional de Belas Artes.

R. L. L.

68 SOBRADO DA PREGUIÇA 0,73 x 0,59 (a) d — Bahia 1940.

JORDÃO DE OLIVEIRA (1900)

Dentre os pintores de sua geração Jordão de Oliveira é um dos que possui, dentro de técnica segura, uma das mais marcantes personalidades. Sóbrios e harmoniosos, seus trabalhos revelam solidez de desenho, força e sinceridade. Seu colorido geralmente discreto, sem efeitos espalhafatosos completam na sua obra o equilíbrio das massas e as sutilezas de luz e sombra. Este interessante artista não demonstra preferência marcante para um único gênero, pois tanto pinta a figura, como a paisagem e a natureza morta. Seus retratos revelam-no como um artista possuidor de senso psicológico, conseguindo interpretar seus modelos com semelhança e sem amaneiramentos de forma.

As paisagens reproduzem aspectos de horizonte amplo, onde a perspectiva é bem compreendida; nos seus recantos de praias com rochedos e vegetação, predominam os tons de oca, castanho e os verdes queimados. Nas naturezas-mortas os objetos são singelos mas dispostos com arte justa.

Jordão de Oliveira nasceu em Aracajú (Sergipe) a 13 de outubro de 1900. Na Escola de Belas Artes, fez o curso como aluno livre, tendo por professores: Lucilio de Albuquerque, Rodolpho Chambelland e Baptista da Costa. Expositor do Salão Nacional de Belas Artes, obteve menção honrosa em 1924, medalha de bronze em 1926, pequena medalha de prata em 1928, grande medalha de prata em 1931, Prêmio de Viagem no estrangeiro e no país em 1933 e a medalha de ouro em 1938. Além dessas premiações, foi ainda laureado nos Salões de São Paulo e Rio Grande do Sul.

R. L. L.

69 *AUTO-RETRATO* 0,61 x 0,51 (a) d — 1940

CANDIDO PORTINARI (1903)

Portinari é uma das personalidades mais discutidas do seu tempo. De formação acadêmica, tornou-se após a sua estada na Europa em gôzo do Prêmio de Viagem, conquistado no Salão, um dos mais avançados modernistas. Desde então, passou a dar aos seus trabalhos uma expressão mais nacionalista na escolha dos temas, onde o branco, o índio e o negro, aparecem em vários as-

pectos da sua lida diária ou nos fatos memoráveis da nossa história. Houve uma época em que Portinari buscou inspiração na vida das grandes fazendas paulistas e nas suas festas rústicas, dando vazio às suas reminiscências de infância. Nestes trabalhos o tom dominante é em castanho avermelhado, semelhante ao tom da terra roxa tão peculiar ao solo fértil do interior de S. Paulo. Muitas vezes deixa vagar sua fantasia, criando, acentuando ou deturpando as formas e linhas para exprimir toda a dramaticidade dos sofrimentos e angústias humanas. A sua série de retratos é também um dos aspectos mais interessantes de sua obra. Geralmente o artista dá a máxima atenção à cabeça do retratado, sem deter-se em minúcias do vestuário quase sempre simples e sem adornos, e realça-as colocando-as sobre fundos que clareiam gradativamente à proporção que se aproximam da base. Além deste gênero de tanto agrado, Portinari tem pintado também a vida dos pescadores, dos plantadores de cacau, dos pescadores do nordeste, dos índios e dos vaqueiros, fazendo uma série de estudos para decorações murais, onde a estrutura plástica da figura é intensificada ante a simplicidade da composição. Não menos curiosos são os seus quadros de gênero, representando as crianças com seus brinquedos, os espantalhos, os habitantes do morro, as brigas de galo, etc.

Nasceu em 1903 em Brodowski, no Estado de S. Paulo. Estudou na Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro com Rodolfo Amoedo e depois com Baptista da Costa. Em 1922 estreou no Salão com um retrato; no ano seguinte obteve a medalha de bronze; em 1925 e 1927, a pequena e grande medalha de prata e em 1928 o Prêmio de Viagem à Europa. Visitou a França, a Itália, a Inglaterra e a Espanha, onde permaneceu em demorados estudos. Vem tendo marcada influência na orientação artística da pintura moderna no Brasil. Tem executado grande número de murais, sendo que os mais importantes são os do Ministério da Educação e Saúde, da Estação de Rádio Tupi, da Biblioteca do Congresso de Washington e da Igreja da Pampulha em Belo Horizonte.

R. L. L.

70 *RETRATO DE SENHORA* 1,00 x 0,82 (a) d — 1932

JOSÉ PANCETTI (1903)

Pancetti é dos nossos pintores modernos um dos de maior personalidade. Um espírito de calma, de concisão e de melancolia se infiltra em sua obra e nos transmite o estado da alma do artista.

É um marinhista de preferência. Trechos de praia deserta, aspectos da orla marítima onde se destaca um casário pobre, um capinzal que se estende à beira-mar, tais são os seus temas favoritos. Pancetti não procura dar-lhes maior animação com a presença da figura humana — muito pelo contrário. Sente-se uma solidão profunda em suas telas, uma serenidade nostálgica, uma atmosfera pesada sob um céu plumbeo e sem nuvens.

Sua fatura é larga, simplificada; a pincelada lisa, em sentido horizontal, uniforme. O colorido é sóbrio e opaco, um tanto triste, as tonalidades cosidas, sem artifícios para efeitos decorativos. Seus últimos trabalhos acusam uma sensibilidade colorística mais e mais apurada. Sua composição manifesta uma predominância dos horizontais e uma seqüência de planos alternados, possibilitada pelo tipo de perspectiva de que faz uso.

Não encontramos deformações em sua arte — Pancetti não é um espírito inquieto que necessite buscar no abstrato a sua interpretação das coisas. Possui, outrossim, uma visão própria equilibrada, traduzindo sua emoção com grande sinceridade. Sua obra apresenta coerência e harmonia.

Sem ser um «avançado» no sentido comumente aceito, é um dos artistas mais conceituados em seu meio.

Nasceu José Pancetti em Campinas a 18 de junho de 1903. Filho de italianos, foi levada para a Itália aos 11 anos de idade, fazendo, por cinco anos, seus estudos com os Salesianos de Massa Carrara. Serviu por algum tempo como aprendiz na Marinha Mercante Italiana. Retorna ao Brasil e depois de experimentar profissões diversas alista-se na Marinha Brasileira, onde serve por alguns anos. Mas a pintura que praticava desde a Itália chama-o à vida civil. Em 1934 obtinha a menção honrosa no Salão Nacional, em 1936 a medalha de bronze, em 1939 a de prata e, criada a Divisão Moderna no Salão, conquista em 1941 o Prêmio de Viagem ao Estrangeiro, em 1947 o Prêmio de Viagem pelo País e a medalha de ouro em 1948. Toda a extensão litorânea do norte do Estado do Rio de Janeiro a Itanhaém e S. Paulo foi por ele explorada. Acha-se atualmente domiciliado na Bahia, prêso aos encantos de suas praias maravilhosas.

L. M. C.

OSWALDO TEIXEIRA (1905)

De temperamento vivo, arrojado e muitas vezes intuitivo, êste interessante artista que foi considerado na infância «menino prodígio» é um dos que mais têm produzido e dos que mais agradam ao público. Possuidor de uma facilidade e rapidez espantosa para executar qualquer gênero, seja a óleo, pastel, aquerela, desenho ou gravura, sua obra caracteriza-se pela vibração do colorido e pela luminosidade. Com uma fatura, ousada, Oswaldo Teixeira utiliza muitas vezes as cores cruas, conseguindo com isto vibrações intensas. É um artista eclético em todo o sentido.

Na natureza morta, as suas obras mais fortes são aquelas cuja composição reúne objetos rústicos tais como garrações, vasos de barro, tachos de cobre etc. dos quais o pintor tira o maior partido com os brilhos e volumes. Os retratos também têm sido tratados da maneira mais diversa, sendo que os de senhora têm a valorizá-los, além da elegância da pose e da semelhança do modelo, os reflexos dos veludos, a transparência das gases e das rendas, os brilhos dos setins que Oswaldo Teixeira reproduz com a mais perfeita veracidade. Como pintor de nus tem igualmente feito sucesso, posando os modelos nas mais variadas posições.

Nasceu no Rio de Janeiro a 11 de agosto de 1905. Fêz seus estudos no Liceu de Artes e Ofícios com Argemiro Cunha e Eurico Alves, na Escola de Belas Artes teve por mestre João Baptista da Costa e Rodolpho Chambelland. Foi premiado no Salão Nacional de Belas Artes com medalha de bronze em 1921, grande medalha de prata em 1922, Prêmio de Viagem à Europa em 1924. Medalha de ouro em 1927 e medalha de Honra em 1938.

Durante sua permanência na Europa, no gôzo do prêmio de viagem então conquistado, visitou Portugal, Espanha, França, Bélgica e Itália.

Tem ocupado vários cargos de destaque e é atualmente o Diretor do Museu Nacional de Belas Artes.

R. L. L.

72 VÉSPERA DE FESTA 1,27 x 1,00 (a) d — 1944

ADO MALAGOLI (1908)

De personalidade interessante, Malagoli empresta à sua pintura certa maneira de execução que lhe é peculiar. Sente-se que o primitivismo italiano o imprssiona bastante a ponto de imprimir em

suas telas um sentido plástico que faz lembrar as obras do «quatrocento».

Vem produzindo composições sacras de cunho religioso, sóbrio, nem passadista nem avançado demais. A sua técnica é agradável com homogeneidade de tons.

Nasceu em Araraquara, Estado de S. Paulo, em 1908. Fêz seus primeiros estudos na Escola Profissional da Capital com o Prof. João Barchita. Cursou depois o Liceu de Artes e Ofícios onde estudou com Enrique Vio. Em 1933 concorreu ao 1º Salão Paulista partindo então para o Rio de Janeiro. Dá por diante sempre figurou nos Salões Oficiais obtendo premiações até o Prêmio de Viagem em 1942. Além dos prêmios oficiais, tem alcançado vários outros em Salões estaduais e Concursos de entidades particulares.

Recentemente foi convidado para lecionar no Instituto de Belas Artes de Pôrto Alegre.

R. M. R.

73 POR QUÊ? 0,73 x 0,93 (a) d — Rio 1949

TOMÁS SANTA ROSA (1909)

É um artista autodidata por isso suas realizações no campo da arte tem um cunho muito pessoal.

Batalhador infatigável, vive à procura de novos empreendimentos.

Iniciou nas artes plásticas como ilustrador, sendo também escritor, pois de sua autoria o livro para crianças "O Circo" que obteve primeiro prêmio em Concurso promovido pelo Ministério da Educação e Saúde.

Dedica-se também ao cenário — é crítico de arte.

Nasceu no Estado da Paraíba em 1909. Com 23 anos veio para o Rio de Janeiro em busca de maior e melhor campo para suas aptidões artísticas.

Tem tomado parte nos júris do Salão Moderno e em debates sobre arte contemporânea.

R. M. R.

74 PESCADORES 0,54 x 0,65 (a) d — 1943.

ARQUIMEDES DUTRA (1909)

É um artista de visão bastante pessoal; um paisagista e apaixonado das montanhas. Suas telas são impregnadas de certa melancolia, acusando preferentemente a luz crepuscular. Não o cair do sol em toda sua glória, mas o momento em que já sombreiam encostas e vales e só o céu ainda recebe os últimos lampejos, já bastante difusos, porém. As meias-tintas predominam — a ausência de contrastes de claro-escuro é quase absoluta. Somente nos céus, carregados de nuvens, destaca-se o branco sobre o azul ainda vivo, quase anil.

Em seu colorido sóbrio dominam os «violetas». Os «verdes» se infiltram nessa escala cromática como elemento secundário, todavia. O conjunto é harmonioso, fino, e decorativo mesmo, apesar da discreção da tonalidade geral.

A linha do horizonte é alta, um tanto marcada pelo contraste do céu iluminado e da sombra que invade o resto. Os planos são delimitados com precisão tal que dá a toda pintura um carácter um tanto geométrico, amortecido pelas tonalidades baixas da pelheta do artista. A pincelada é curta, aos toques, grandemente auxiliada pela espátula, numa técnica um pouco impressionista em sua justaposição de tons.

Nasceu Arquimedes Dutra em Piracicaba, Estado de São Paulo a 6 de junho de 1909. No Salão Nacional já obteve as medalhas de bronze (1929) e prata (1942) e o Prêmio Caixa Econômica. No Salão Paulista conquistou outras tantas medalhas, além do 1º Prêmio Prefeitura de São Paulo — 1942.

Tendo o Governo de S. Paulo instituído, em 1939, um concurso para Prêmio de Viagem, Arquimedes Dutra conquistou-o.

Participou da Exposição do Mundo Português realizada em Lisboa, figurando na secção de artes plásticas.

R. L. L.

75 TERRAS DO BRASIL 1,05 x 1,30 (a) d — 1940

ARLINDO CASTELLANI (1910)

Quem vê a obra de Arlindo Castellani, de inspiração tão clássica, poderá supor que se trate de um pintor da 2ª metade do século XIX, anterior ao Impressionismo. Entretanto este talentoso

artista não conta ainda com meio século de existência. Os interiores, os nus e os retratos são os temas de sua preferência. Sente-se que Castellani pinta o nu com carinho, observando a justeza do desenho e dando à carnação um tom dourado muito agradável. As suas elegantes cabeças femininas, feitas com graça e sentimento, são adornadas com caprichosos chapéus, véus diáfanos, rendas e fitas. Nos quadros de interiores nota-se que o artista sabe compor com riqueza e equilíbrio, sendo a figura realçada no ambiente de móveis finos, tapetes e objetos raros.

Nascido em S. Paulo a 6 de setembro de 1910. Aos quinze anos começou a freqüentar o curso noturno do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, sendo aluno de José Maria da Silva Neves e Enrique Vio. Aos 19 anos iniciou-se na Escultura e daí em diante militou nas duas artes.

Em 1942 fez a sua estréia no Salão Paulista na seção de escultura, sendo logo contemplado com menção honrosa. No ano seguinte obteve medalha de bronze em pintura e medalha de prata em escultura. No Salão Nacional de Belas Artes foi premiado com menção honrosa (pintura) Medalha de bronze (escultura), em 1942. Medalha de bronze em pintura em 1943 e medalha de prata (escultura) em 1947.

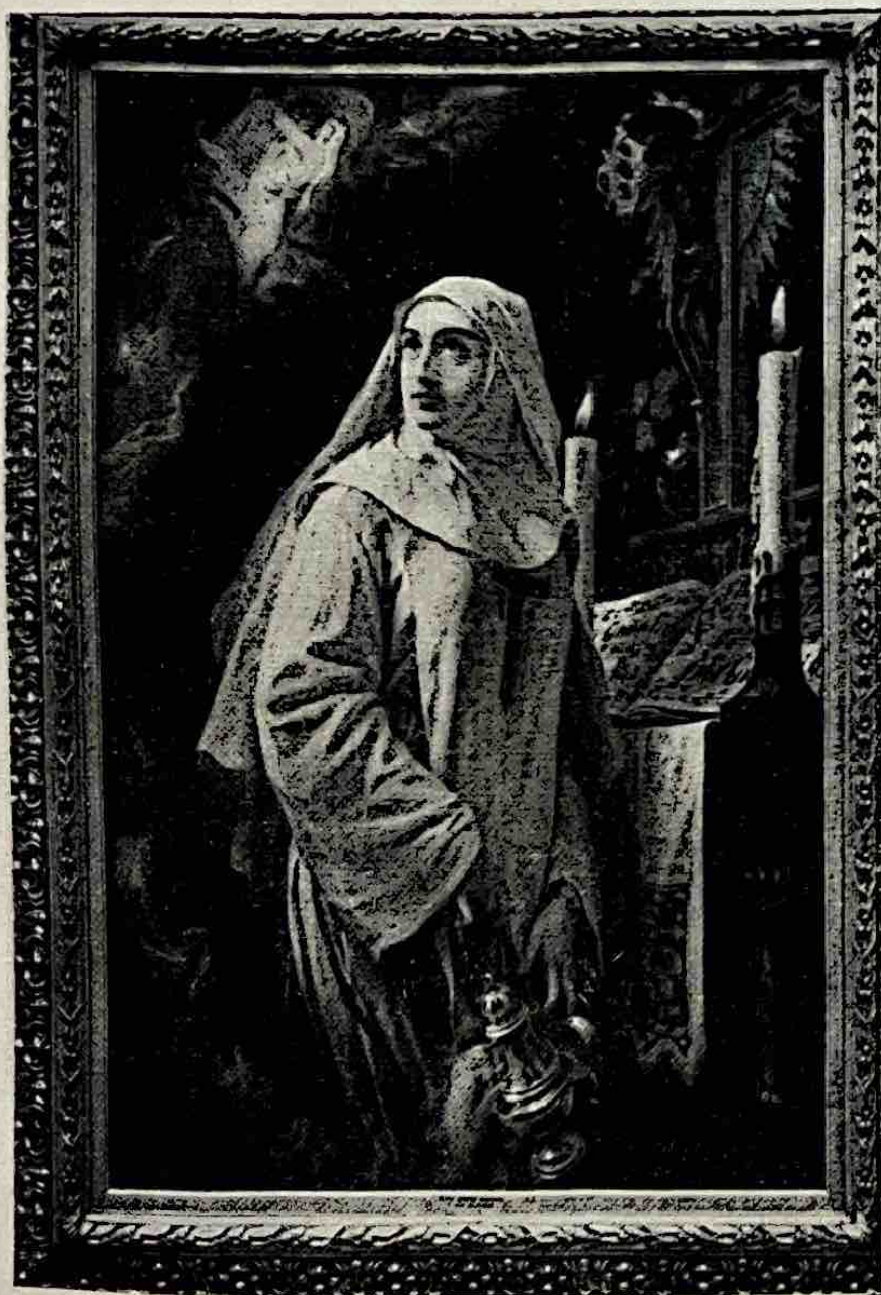
R. L. L.

76 O ANTIQUARIO 0,55 x 0,67 (a) d — 1947

REPRODUÇÕES



Victor Meirelles de Lima — Cabeça de homem



Pedro Américo de Figueiredo e Mello — O voto de Heloisa



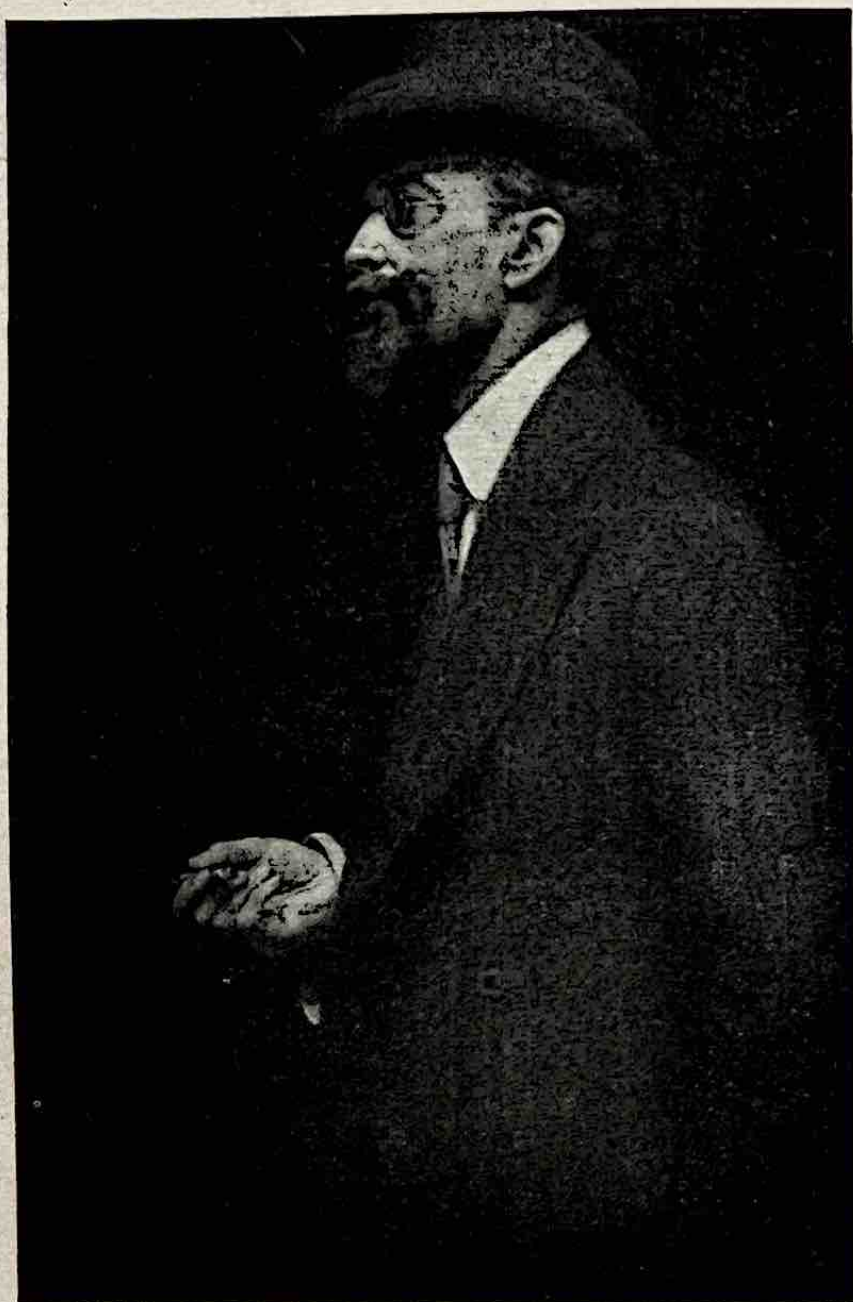
José Ferraz de Almeida Junior — Descanso do modelo



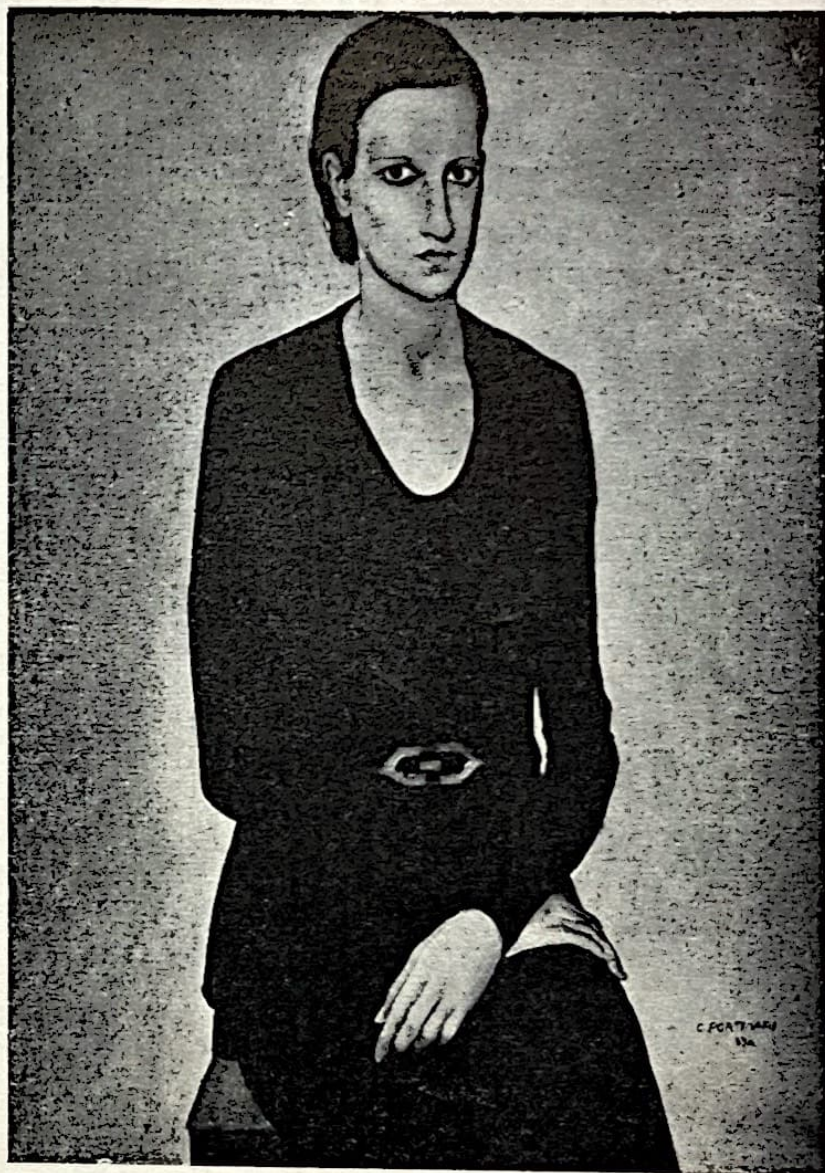
Rodolfo Amoedo — Más noticias



Henrique Bernardelli — A Tarantela



Elyseu d'Angelo Visconti — Retrato de Gonzaga Duque



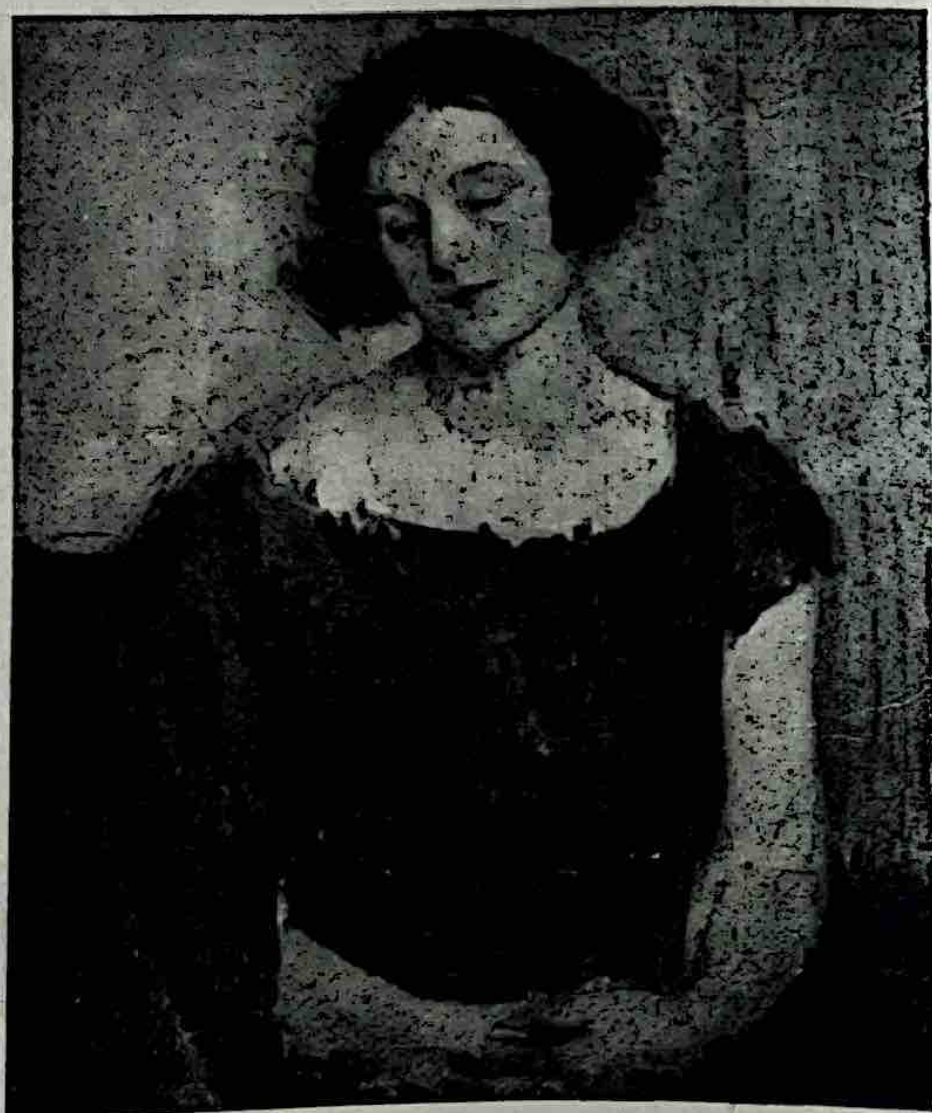
Candido Portinari — Retrato de senhora



José Pacetti — Marinha



Oswaldo Teixeira — Véspera de Festa



Henrique Cavalleiro — Mimi, o modelo

